



Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

Museu Histórico

Museu Histórico de Anápolis: Uma Narrativa Urbana

Cadernos de TC 2017-2

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.
Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.
Celina Fernandes Almeida Manso, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.
Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.
Celina Fernandes Almeida Manso, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.
Simone Buiati, E. arq.

Detalhamento de Maquete

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.
Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.
Maira Teixeira Pereira, Dr. arq.
Pedro Henrique Máximo, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira
(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quinta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2017/2, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

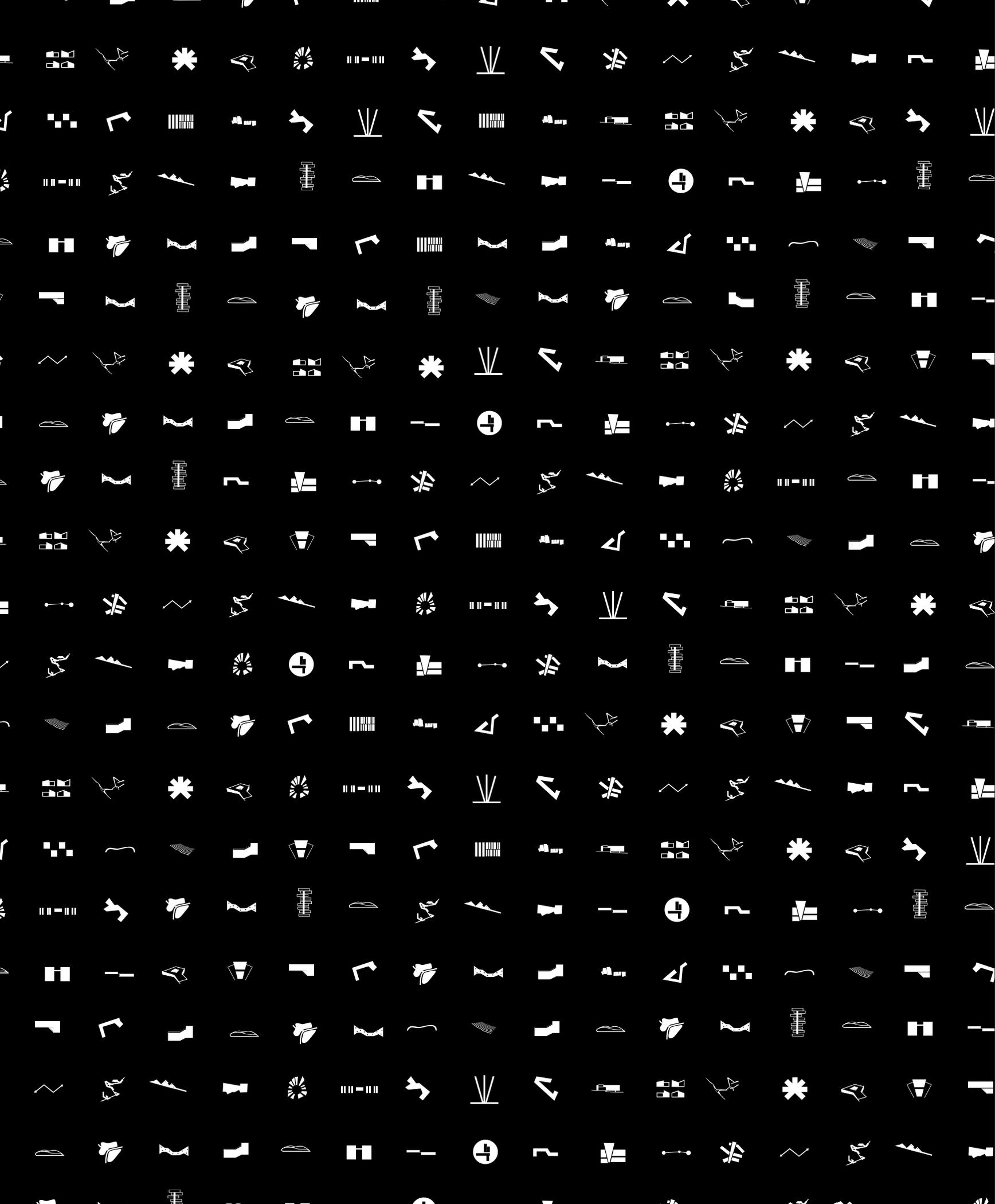
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo,

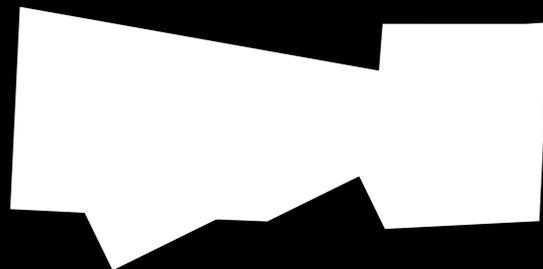
quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Ana Amélia de Paula Moura
Celina Fernandes Almeida Manso
Rodrigo Santana Alves
Simone Buiati





Os museus possuem um vasto campo de interesse e uma crescente profissionalização e qualificação de suas múltiplas atividades e tarefas. Assim, deixam de ser apenas um local de acúmulo de objetos para assumir um papel importante na interpretação da cultura e na educação do homem, fortalecendo a cidadania e respeito à diversidade cultural e na qualidade de vida, embora este cenário não seja visto na maioria dos museus históricos, como é o caso do Museu Histórico de Anápolis.

Desse modo, a proposta desse trabalho é ir além da leitura do acervo do Museu para a ideia de deriva urbana. Propõe-se a implementação de um circuito cultural urbano e a criação de um edifício anexo de médio porte ao museu histórico para comportar um novo programa e proporcionar a adequada restauração e conservação do acervo.

Museu Histórico de Anápolis: Uma Narrativa Urbana



Gabriela Stefanczak Leão
Orientadora: Simone Buiate

Anápolis

Museu Histórico de Anápolis



Os museus surgiram a partir do hábito humano do colecionismo. Desde a antiguidade já existiam registros sobre instituições semelhantes ao museu atual, mas somente no século XVII o museu como conhecemos é consolidado.

Segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM), museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer (IPHAN/ICOM, 2005, apud Fança, 2009).

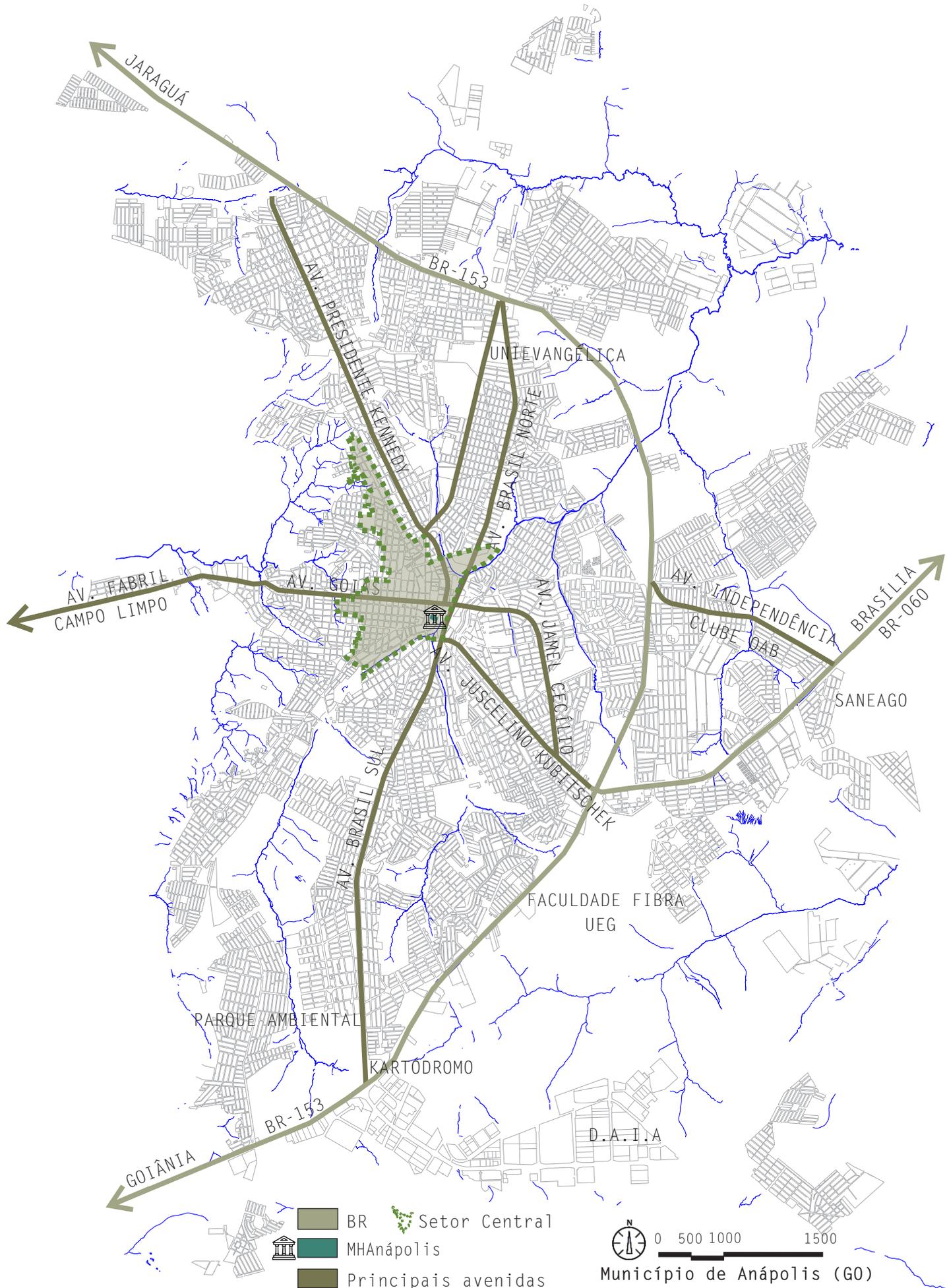
Neste sentido, o Museu Histórico de Anápolis só foi instalado a partir da Portaria nº 261 de 24 de setembro de 1971, na gestão do ex-prefeito Henrique Santillo (1969-1973) e constituiu um espaço que vem contribuir com o resgate da memória e preservação cultural da história do município.

Parte deste trabalho é extrapolar a leitura do acervo do museu histórico para a idéia de deriva urbana, com a construção de um percurso que traga conexão entre os espaços históricos do bairro central. Dessa maneira o acervo configura-se como ponto de partida e a deriva como parte da proposta.

Esse projeto vem com objetivo de enaltecer o edifício museu como próprio acervo e trazer o circuito urbano cultural como possibilidade de discurso para a história da cidade.

As atividades desenvolvidas no museu (exposições, cursos, palestras, seminários, oficinas e visitas guiadas) são adequadas a um novo programa e dessa maneira é necessário a implementação de um edifício anexo ao museu.

Desse modo este trabalho propõe cumprir com o dever de preservar e valorizar a história, a memória e as tradições locais englobando não um único edifício que é o Museu Histórico de Anápolis, mas sim um conjunto de edificações históricas localizadas no bairro central.



Histórico

Com uma área de quase 934km², o município de Anápolis está localizado a 53 km de Goiânia (Sul) e 151 km da capital federal (norte). Possui importantes conexões com rodovias do Brasil, como a BR-153, a BR-060 e BR-414, e conexões com pistas estaduais, como a GO-222 e GO-330.

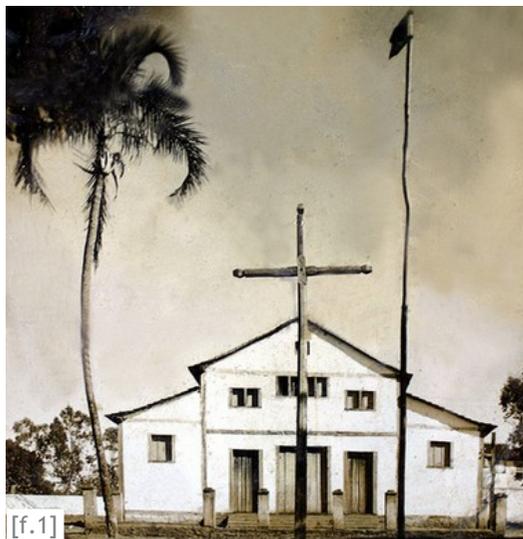
Possui limites ao norte com os municípios de Pirenópolis e Abadiânia, a leste com o município de Silvânia, ao sul com o município de Leopoldo de Bulhões e Goianópolis e a oeste com os municípios de Nerópolis e Ouro Verde de Goiás.

Em seus 934km², Anápolis contém importantes cursos d'água como os ribeirões João Leite, Antas, Piancó (que abastece o município) e o Padre Souza.

Com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 370,875 habitantes (2016), Anápolis é o terceiro maior município do estado em população.

Primeiramente nomeada como Santana de Goiás, Anápolis iniciou-se como um núcleo central por volta de 1819 na atual Praça Santana, onde também se localiza a Igreja Santana, bem como os principais edifícios históricos da cidade.

Passou a ser considerada cidade, já com o nome Anápolis, em 1907, quando a emancipação política de outros distritos nortearam o processo de urbanização. Desse modo a economia Anapolina se inseriu no mercado regional e nacional.



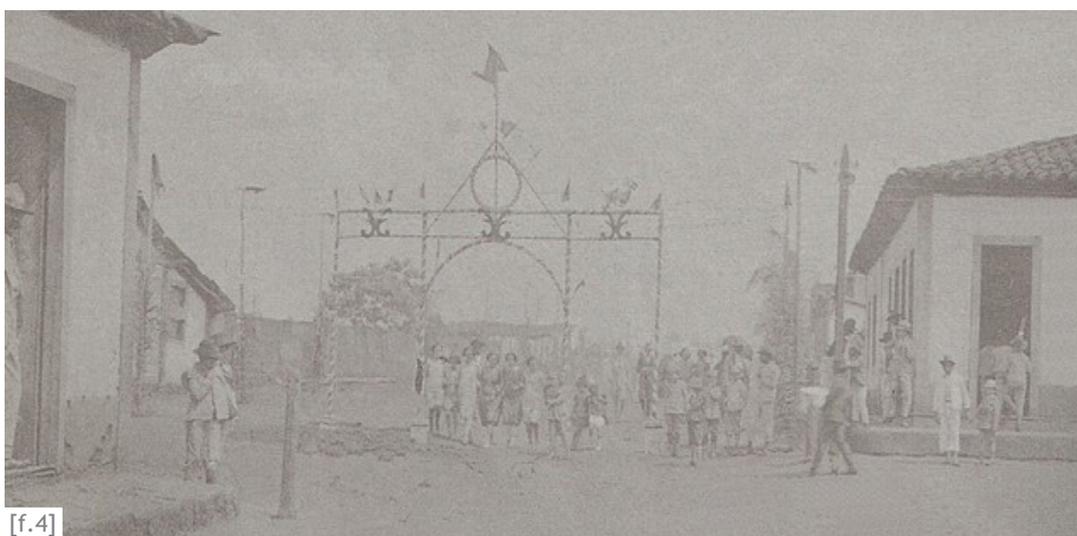
[f.1]



[f.2]



[f.3]



[f.4]

LEGENDAS:

[f.1] Igreja Santana (década de 20). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.2] Praça Bom Jesus (década de 20). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.3] Rua 15 de Dezembro (década de 20). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.4] Avenida Goiás (década de 20). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.5] Estação Ferroviária no dia de sua inauguração (década de 30). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.6] Antiga Câmara Municipal na Av. Goiás com Joaquim Inácio (década de 70). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.7] Praça Americano do Brasil (década de 40). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.8] Residência do Alderico Borges de Carvalho, criador do museu histórico do município (década de 40). Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.



[f.5]



[f.6]



[f.7]



[f.8]



MHA e o centro de Anápolis

 Museu Histórico de Anápolis - Tombado como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº 1.824 de 03 de janeiro de 1991.

 Colégio Estadual Antensina - Tombado como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº 3.171 de 07 de dezembro de 2005.

 Casa de Cultura Ulisses Guimarães - Tombado como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº 1.824 de 03 de janeiro de 1991.

 Mercado Municipal - tombado como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº 25 de 10 de julho de 1984.

 Estação Ferroviária - Tombado como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº. 1.824 de 03 de janeiro de 1991.

 Escola de Artes Oswaldo Verano - Tombado como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº 1.824 de 03 de janeiro de 1991.

 Coreto da Praça James Fanstone - Tombada como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº 2.725 de 05 de abril de 2001.

O Setor Central de Anápolis surgiu juntamente com o início do povoado de Santana em 1819. Seu principal edifício histórico, que remete à origem da cidade é a Igreja Santana, construída em 1871 por Gomes de Sousa Ramos que mudou-se para Anápolis devido ao clima e a fertilidade da terra.

Em 1907 Zeca Batista construiu a casa que atualmente abriga o Museu Histórico. Tal edificação já foi utilizada para fins religiosos e serviu como residência para o Coronel José da Silva Batista que liderou a emancipação política e levantou esforços para a elevação da Vila de Santana das Antas à categoria de Cidade no ano de 1907.

Em 1910 as características ruas estreitas do setor central começam a se formar. Estas, atualmente, podem ser encontradas facilmente com o nome 'Travessa'.

Em 18 de março de 1926 é inaugurado o Colégio Estadual Antensina, considerado um dos primeiros estabelecimentos de ensino de Anápolis. Na data de sua inauguração foi nomeado como Grupo escolar de Anápolis Dr. Brasil Caiado. Atualmente possui uma média de 1.200 alunos.

Em 1935 é construída a estação ferroviária. Com o passar dos anos o aumento populacional e o maior número de veículos nas ruas, fizeram com que os trilhos fossem retirados e a Estação desativada. Atualmente passou por uma grande reforma e aguarda para ser novamente inaugurada, agora com a finalidade de museu.

Em 1938 é construída a Casa de Cultura

Fundação da Biblioteca Municipal Zeca Batista

1956



Criação do Museu Histórico de Anápolis

1971



MHA passa a ser utilidade pública

1973



Abertura do MHA ao público

1975



Inauguração do Centro Administrativo do Município

1982



Teatro Municipal é construído no estilo italiano

1985



O MHA foi tombado como Patrimônio Histórico pela Lei Municipal nº 1824

1991



Construção do Fórum João Barbosa Neves

1993



Ulisses Guimarães, que antigamente abrigava o antigo Fórum. Atualmente abriga a sede administrativa da Secretaria Municipal de Cultura, a Galeria de Artes Antonio Sibasolly, o Museu de Artes de Anápolis, a Casa de Artesanato e a sede do Pontão de Cultura Tenda Jovem.

Em 1943 é construída a atual Casa da Chave de Ouro, na Rua Barão do Rio Branco. A casa foi conhecida assim por que continha realmente a chave de ouro da cidade, que atualmente esta perdida.

Em 1955 é inaugurado o Mercado Municipal Carlos de Pina que se tornou um local tradicional de compras e encontros. Recentemente passou por uma 'reforma' que recuperou parte de sua estrutura e portas de aço.

Em 1956 é fundada a Biblioteca Municipal Zeca Batista, que antes passava a atuar em outro local ainda no setor central.

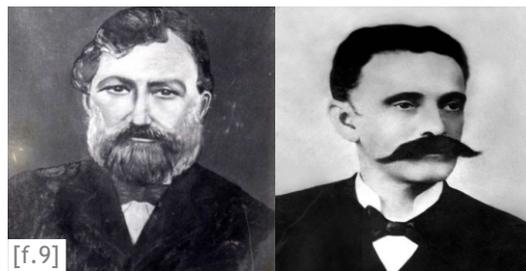
A partir dos anos 1960 o intenso comércio começa a se desenvolver no setor central, já que anteriormente a cidade era composta apenas pelo centro e outros bairros ao redor.

Em 1982 é inaugurado o Centro Administrativo do município pelo então prefeito Wolney Martins. Os órgãos que até então funcionavam na Câmara Municipal foram transferidos para o local. Em 1985 o edifício passa por uma grande reforma para assim abrigar o Teatro Municipal em estilo italiano.

Em 1993 é construído o Fórum João Barbosa Neves. Atualmente mais de 400 pessoas trabalham no local e tramitam na

comarca cerca de 220 mil processos. Desde de sua construção, o local também já passou por reformas na pintura, instalações, sistemas elétrico, hidráulico e de segurança.

A história do município e do bairro centro é composta por estas edificações que fazem parte da narrativa da cidade. A conexão destes é viabilizada por meio de um museu histórico a céu aberto que traz uma conexão histórica através da leitura das edificações da cidade.



[f.9]



[f.10]



[f.11]

LEGENDAS:

[f.9] Gomes de Sousa e Zeca Batista, fundadores da Igreja Santana e do Museu Histórico respectivamente. Fonte: Vivaanápolis.

[f.10] Colégio Estadual Antensina em 1997. Fonte: Colégio Antensina.

[f.11] Estação ferroviária de Anápolis em 1935. Fonte: Museuabc.

MHA e Importantes Edificações



Importantes edificações (Setor Central de Anápolis)



- Edifícios Históricos Não Tombados
- Edifícios Históricos Tombados
- Praças
- Av. Goiás
- Av. Brasil
- Av. Santos Dummond
- Córrego das Antas

- [1] Mercado Municipal.
- [2] Escola de Artes Oswaldo Verano.
- [3] Igreja Santana.
- [4] Museu Histórico Alderico Borges.
- [5] Praça do Ancião.
- [6] Casa da Chave de Ouro.
- [7] Praça Americano do Brasil.
- [8] Biblioteca Municipal.
- [9] Colégio estadual Antensina Santana.
- [10] Estação Ferroviária.
- [11] Praça James Fanstone.
- [12] Praça das Mães.
- [13] Prefeitura Municipal.
- [14] Fórum Municipal.
- [15] Praça Santana.
- [16] Praça Santana.
- [17] Praça Bom Jesus.



[f.12]



[f.13]



[f.14]



[f.15]



[f.16]



[f.17]



[f.18]

LEGENDAS:

[f.12] Mercado Municipal. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.13] Escola de Artes Oswaldo Verano. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.14] Igreja Santana. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.15] Praça do Anciã. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.16] Casa da Chave de Ouro. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

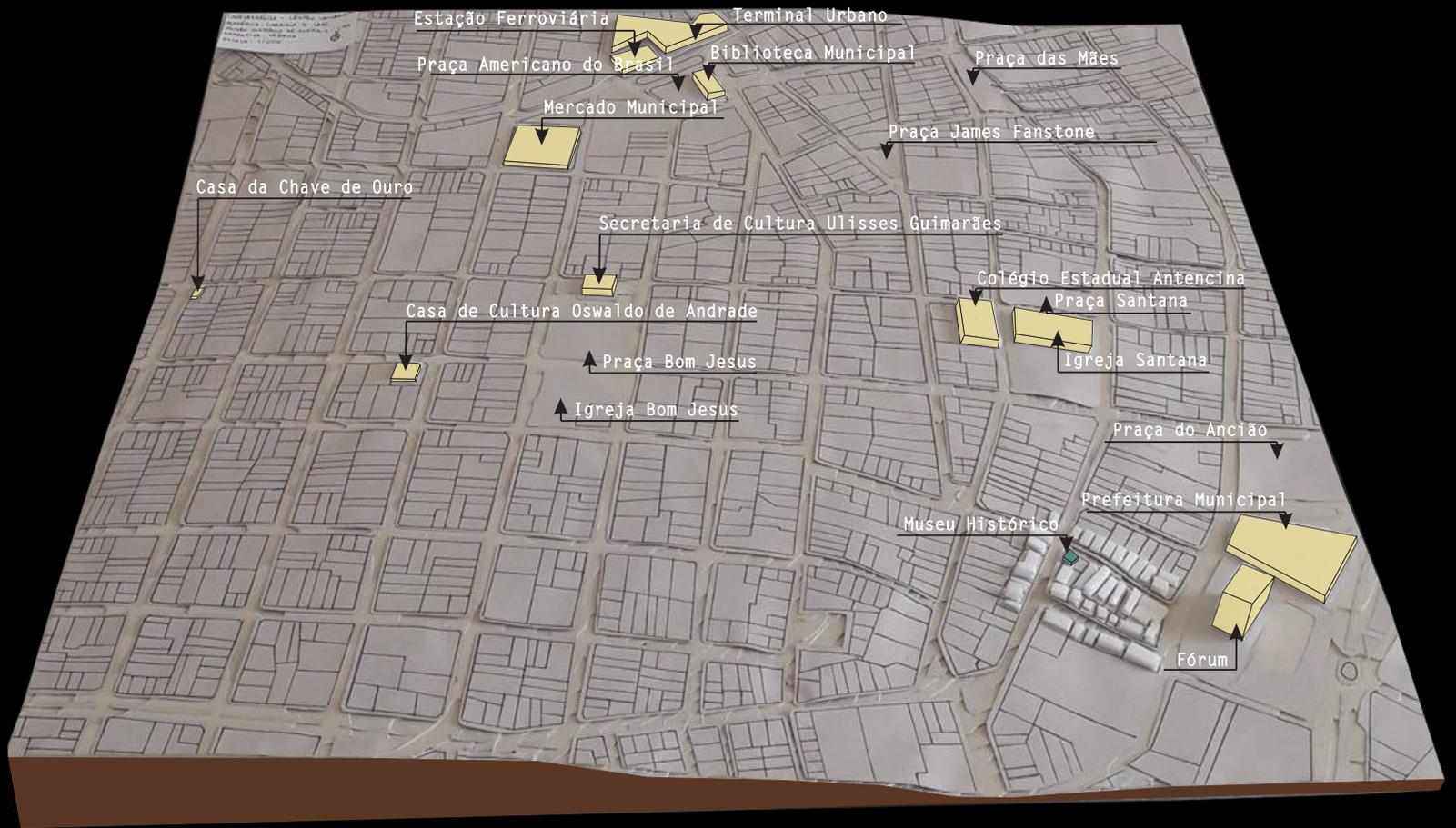
[f.17] Praça Americano do Brasil. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.18] Museu Histórico Alderico Borges. Fonte: Gabriela Leão, 2016.



LEGENDAS:

- [f.19] Biblioteca Municipal. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.20] Colégio Estadual Antensina Santana. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.21] Estação Ferroviária. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.22] Praça James Fanstone/Coreto. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.23] Praça das Mães. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.24] Prefeitura Municipal. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.25] Fórum Municipal. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.26] Praça Santana. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.27] Secretaria de Cultura Ulisses Guimarães. Fonte: Gabriela Leão, 2016.
- [f.28] Praça Bom Jesus. Fonte: Gabriela Leão, 2016.



[f.29]

LEGENDAS:
 [f.29] Maquete dos edifícios com importância histórica em Anápolis. Fonte: Gabriela Leão, 2017.



Embasamento teórico

Experiência urbana
e subjetividade



A forma de caminhar sem rumo (deriva) e a figura do Flâneur (e o termo Flânerie) são parte importante da produção de narrativa/experiência urbana. São esses elementos, que no caso desse projeto, vão fazer a ligação do espaço urbano histórico com a produção de história, resultando na experiência urbana.

Segundo Osnilo Junior a experiência urbana resultaria na própria escrita da cidade, 'Uma 'cartografia de narrativas literárias', compreendendo a literatura como metodologia de apreensão e, sobretudo, como produção de cidade' (JUNIOR, 2014).

Em 'Narrativas urbanas literárias como apreensão e produção da cidade contemporânea' o tema 'experiência urbana' e 'subjetividade' são levantados. Para Osnilo 'as narrativas urbanas literárias podem concorrer para a produção de subjetividade e, conseqüentemente, de cidade...Desse modo, acreditamos que a produção de subjetividade e a produção de cidade caminham juntas e compõem um território existencial 'cidade', coexistindo junto as demais narrativas urbanas'.(JUNIOR, 2014)

Paola Jacques reforça a importância da narrativa urbana e seu significado, dizendo 'podemos compreender a produção sensível da cidade como 'uma busca por outras formas de se compartilhar experiências ao abrir outras possibilidades narrativas e, em particular, de narrativas da experiência urbana nas grandes cidades, o que chamamos de narrativas urbanas' (JACQUES, 2012).

Assim, vale ressaltar que não importa qual seja o roteiro traçado ou a forma que ele venha a adquirir, as relações entre cidades e a memória podem ser pensadas de diferentes formas, incluindo discussões sobre a memória urbana e sobre o patrimônio histórico, assim como, segundo Fernanda Peixoto (2014) exames dos 'lugares de memória', definidos em função de experiências históricas.

Ana Clara Torres Ribeiro concebeu a cartografia da ação social dedicada à juventude de São Gonçalo (RJ), visando compreender os métodos de apropriação da cidade. Segundo ela os mapas são os instrumentos de racionalização dominante. Dessa maneira, o uso e elaboração de mapas que expressão os movimentos sociais são essenciais para a cartografia social.

Portanto, assim como outras modalidades de expressão, teríamos o circuito urbano cultural como possibilidade de discurso para a história da cidade.

O Flâneur segundo Charles Baudelaire é 'uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la'. Dessa maneira, a idéia do Flâneur seria uma referência para compreender fenômenos urbanos e a modernidade.

Segundo Sérgio Roberto (MASSAGLI, 2008), Walter Benjamin chama a atenção para a figura do Flâneur que observa refletidamente os moradores da cidade em suas atividades diárias. Essa paixão do Flâneur pela cidade e pela multidão, decorre do flâneurie como ato de apreensão e

representação do panorama urbano, segundo Massagli. Assim, o Flâneur tece uma narrativa dos atrativos da cidade, a partir do reconhecimento do local e das pessoas desse contexto.

Dessa maneira, um percurso para o (re)conhecimento das edificações que fazem parte da história do município, fazem parte deste trabalho. O museu histórico a céu aberto e a própria edificação do Museu Histórico trariam uma conexão histórica a partir da leitura das edificações da cidade.

Teoria da deriva

A teoria da deriva é um dos trabalhos de autoria do pensador situacionista Guy Debord. Na fundamentação teórica, a experiência da deriva é utilizada segundo um procedimento chamado de psicogeografia, que consiste basicamente no estudo dos espaços públicos, através de derivas urbanas, com o objetivo de sentir, experimentar e entender os diversos componentes afetivos em relação ao espaço, durante a prática do caminhar sem rumo pela cidade (DEBORD, 1997). Segundo suas pesquisas é um estudo psicogeográfico que estuda as ações do ambiente urbano segundo as condições emocionais e psíquicas do ser humano.

Segundo Paola Jacques "a deriva seria uma apropriação do espaço urbano

pelo pedestre através da ação do andar sem rumo." (JACQUES, 2003).

A construção de um percurso traçado que traga conexão entre os espaços e que sejam acompanhados de anotações fazem parte do estudo psicogeográfico da deriva. Partindo de um lugar comum a pessoa ou a um grupo que se lança a deriva o percurso é traçado seguindo o pensamento de que determinadas zonas psíquicas conduzem e trazem sentimentos de agrado ou não.

Ainda que existam inúmeros procedimentos de deriva urbana, ela possui uma única finalidade, transformar o urbanismo, a arquitetura e a cidade, construindo um espaço onde a população é o agente construtor e a cidade é a construção final.

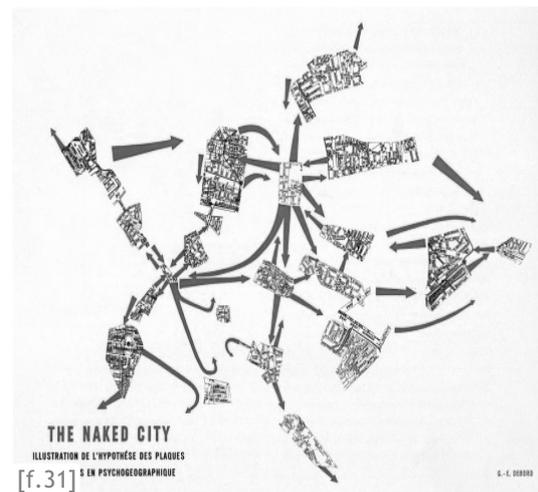


[f.30]

LEGENDAS:

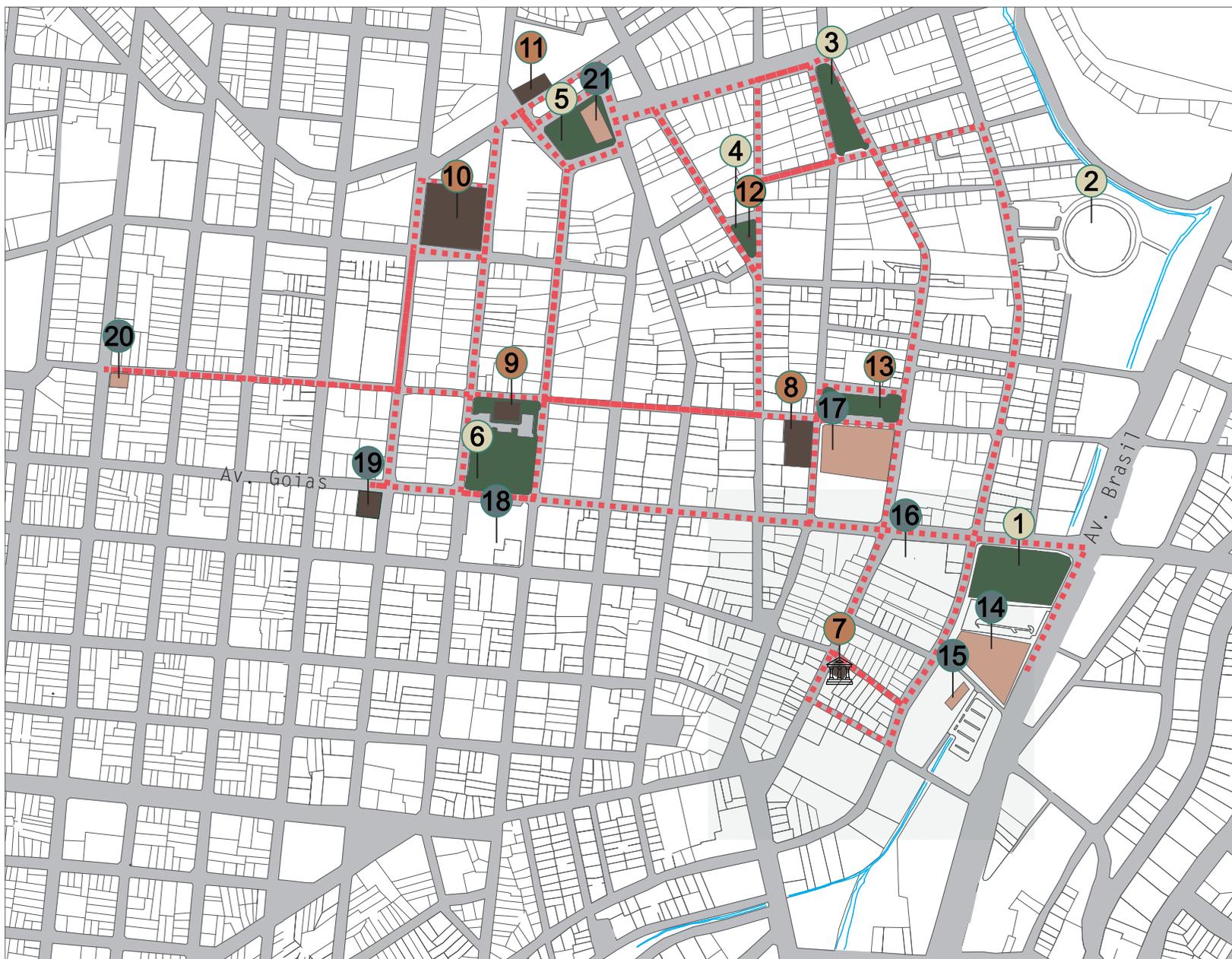
[f.30] Paul Gaverni, le flâneur (1842). Fonte: Pinterest, 2017.

[f.31] Guy Debord 'The naked city' (1957). Fonte: Vitruvius, 2015.



[f.31]

Percurso Museu à céu aberto



 Edifícios Históricos Não Tombados

 Edifícios Históricos Tombados

 Praças

 Córrego das Antas

 Possível percurso

Roteiro Cultural



Lazer

- ① Praça do Ancião
- ② Ginásio Newton de Faria
- ③ Praça das Mães
- ④ Praça James Fasntone
- ⑤ Praça Americano do Brasil
- ⑥ Praça Bom Jesus

Monumento Histórico

- ⑦ Museu Histórico 
- ⑧ Colégio Antensina
- ⑨ Casa de Cultura Ulisses
- ⑩ Mercado Municipal
- ⑪ Estação Ferroviária
- ⑫ Coreto Praça James Fanstone
- ⑬ Praça Santana (início da cidade)

Arquitetura

- ⑭ Prefeitura Municipal
- ⑮ Fórum
- ⑯ Colégio Faustino
- ⑰ Igreja Santana
- ⑱ Igreja Bom Jesus
- ⑲ Escola de Artes Oswaldo
- ⑳ Casa da Chave de Ouro
- ㉑ Biblioteca Municipal

Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho

A casa





O Museu Histórico de Anápolis foi criado em 1971, pelo então prefeito Henrique Antonio Santillo. Construído com técnicas construtivas tradicionais, no início do século XX, por José da Silva Batista, a residência já serviu como casa paroquial e posteriormente abrigou a Escola Paroquial Dom Bosco. Em 1959, a casa foi comprada pelo Senhor Alderico Borges de Carvalho que possuía a intenção de transformá-la em museu, guardando a memória dos pioneiros e a história de Anápolis.

Através da Lei nº 390 de 27 de junho de 1973, dois anos após ser criado, o museu passa a ser considerado utilidade pública, já que contribui com o resgate e preservação da memória, o mapeamento da documentação e a preservação da cultura de Anápolis. Com sua importância e contribuição, em 1975 o museu é definitivamente aberto ao público, sendo dirigido pelo professor Jan Magalinski.

Em 1991, a casa foi tombada como Patrimônio Histórico pela Lei Municipal nº 1824 e atualmente possui um acervo de fotografias, jornais, seção de numismática e outros objetos que retratam a história do município.

Cumprindo seu papel informativo o museu histórico passa a promover ações para que a comunidade valorize sua identidade e preserve seu patrimônio cultural, como visitas guiadas e publicações. Dessa maneira a função social do museu deve estar centrada nas atividades exercidas pelo mesmo, já que segundo Tiziano Mamede Chiarotti, atual diretor do Museu Histórico de Anápolis 'as atividades desenvolvidas nos museus (exposições, cursos, palestras, seminários, oficinas e outras) devem estar fortemente identificadas com as expectativas da comunidade, demonstrando que é uma organização a serviço do público. Isso simboliza o ideal da museologia social, pois cumpre com o dever de preservar e valorizar a história, a memória e as tradições locais' (CHIAROTTI, 2009).

Lugar e o MHA

O Centro foi base para a construção do município de Anápolis, dessa maneira, suas ruas em sua maioria possuem estreitas larguras (muitas destas denominadas de travessa). Composto principalmente de vias coletoras, estas comportam parte do trânsito das movimentadas vias arteriais da cidade.

Por se tratar de um antigo povoado, o traçado urbano é irregular, e muitas ruas possuem apenas um sentido para o trânsito de veículos. As quadras possuem formatos irregulares e o lotes mesmo sendo em sua maioria com fachadas estreitas e larguras extensas, não possuem as mesmas dimensões.

Com uma consolidação que surgiu a partir dos anos 60, o centro tornou-se foco para o desenvolvimento da cidade. São poucos os lotes vazios na região, e em sua maioria as edificações encontram-se na frente do mesmo.

Em sua maioria o centro é composto por serviços e setores comerciais. Algumas residências ainda se encontram na região (sendo que uma parcela destas ainda possuem arquitetura com técnicas construtivas tradicionais, época da formação do município). Alguns pontos comerciais, ou até mesmo de prestação de serviços, se encontram ajustados dentro das antigas residências, que agora abrigam um novo uso. Muitas destas residências foram adaptadas para abrigar um uso misto, desta maneira tornando-se um local de moradia e ponto comercial.

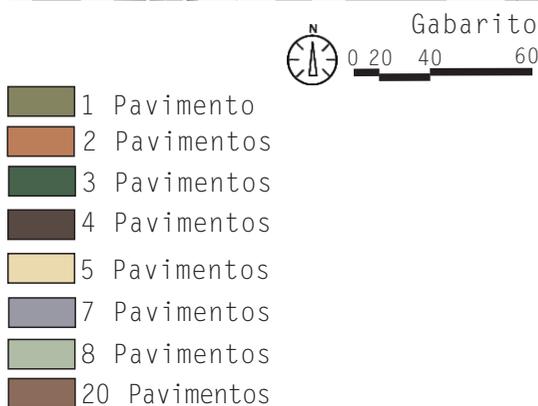
O centro possui grandes edificações, que comportam até 20 pavimentos por exemplo. Em contrapartida a região mais próxima ao Museu Histórico, possui apenas um edifício de maior altura (com 7 pavimentos). O restante das edificações ali analisadas, variam de 1 a 3 pavimentos, o que proporciona uma maior ventilação e maior raios solares nos edifícios. Além disso, a topografia (elevada no sentido noroeste) também contribui para a incidência desses elementos na região.

Com relação a topografia, Anápolis possui o relevo ondulado, fazendo parte do planalto central brasileiro. O Centro possui uma elevação da topografia no sentido noroeste, dessa maneira o lugar

onde se encontra o Museu Histórico possui uma elevação de 2 metros nesse mesmo sentido. Por possuir importantes rios em seu território, Anápolis possui regiões com relevo acentuado, como é o caso apresentado no mapa de topografia (região onde se encontra o Fórum e a Prefeitura Municipal).

As fachadas norte e oeste do Museu Histórico são as mais afetadas pela pior insolação, já que a região é desprovida de áreas verdes, seja de grande ou pequeno porte.

Quanto à ventilação no lugar, ocorre principalmente nos sentidos noroeste-norte, de novembro a abril e no sentido leste, de maio a outubro (Dados Instituto de Controle do Espaço Aéreo ICEA, 2016).







[f.32]

Acervo

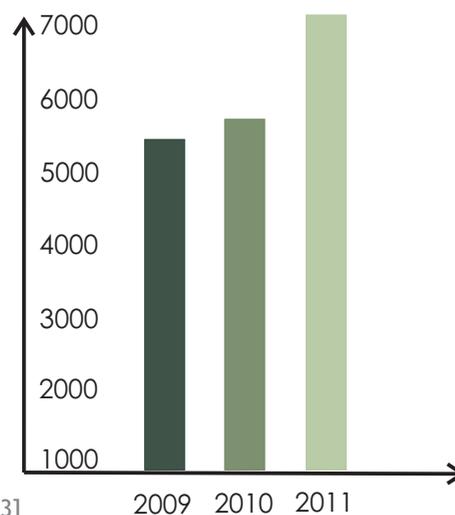
Segundo a prefeitura municipal de Anápolis (GO), a cidade possui dois museus nos aproximadamente 934km², ambos localizados na região central. O museu de artes plásticas Loures localiza-se na praça Americano do Brasil e possui um acervo composto de obras que vão de pinturas, desenhos, esculturas e fotografias. O museu histórico de Anápolis está situado na Rua Coronel Batista número 323, e conta com um grande acervo histórico da época de criação da cidade.

O museu histórico mesmo com um acervo importante para a cidade, recebe uma quantidade de visitas que não supera seis mil pessoas anualmente (ver figura 33), considerando uma população de 325.163 habitantes (ONU, 2010). Tombada em 1991 como Patrimônio Histórico pela Lei Municipal nº 1824 possui uma exposição que une aspectos da casa e da história local, retratando os pioneiros, o início do arraial, a religião, os animais e os artefatos indígenas. Ainda contém em seu acervo a primeira mesa cirúrgica de Anápolis, seção de numismática, fotografias, jornais e outros objetos que fazem parte relevante da história do município e do estado. A casa que abriga o museu necessita uma reformulação no seu programa e na sua arquitetura interna.

As visitas no Museu Histórico no período de 2009 a 2011 ^[1], segundo o gráfico, apresentou um aumento de aproximadamente 500 pessoas durante esses três anos. Esses dados poderiam ser

mais significativos se o ambiente contasse com uma estrutura mais espaçosa e outras salas que apresentassem maior diversidade.

Segundo a certidão de uso do solo, a região em que se encontra o museu pode ser ocupada em uma taxa de 100%, até 10 metros de altura, desde que seja realizado a construção de poços de recarga. A calçada deve ter no mínimo 2,5 metros, o que segundo estudos do local já esta sendo obedecido conforme a certidão. A atividade exercida no local é a museologia e a exploração de lugares e prédios históricos, dessa maneira os afastamentos obrigatórios são de 5 metros na frente do lote e 1,5 metros na lateral e no fundo caso haja aberturas.



[f.33]

NOTAS:

[1] Dados de 2009 a 2011, segundo o Caderno de Pesquisas - Museu Histórico de Anápolis 'Alderico Borges de Carvalho' Ano 1, 2 e 3

LEGENDAS:

[f.32] Lotes vizinhos que servirão para o anexo, estes serão desapropriados. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.33] Gráfico de visitantes no período de 2009 a 2011. Fonte: Caderno de pesquisas 1, 2, 3 do Museu Histórico, 2016.

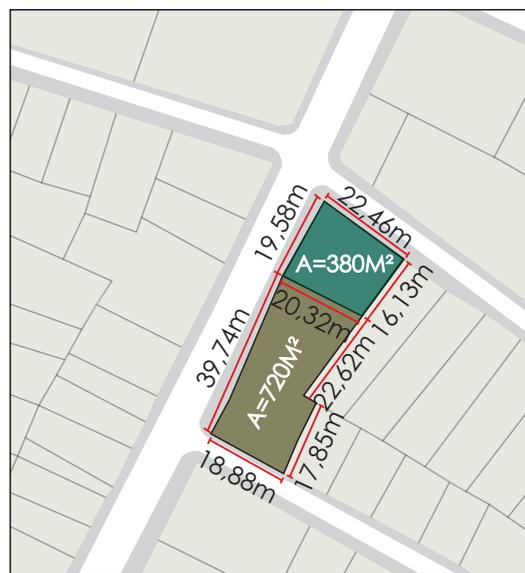


Com um terreno de aproximadamente 380m² (ver figura 34), o Museu Histórico de Anápolis possui quase 50 mil peças espalhadas por 11 pequenas salas. Quanto ao acervo o MHA tem salas que retratam temas determinados, que são trocados anualmente por outras peças e guardadas em uma reserva técnica. São mais de oito mil fotos, jornais diários e semanários desde 1929 até atualmente. Parte do acervo ferroviário não encontra-se no museu, estas peças estão guardadas na Praça Americano do Brasil, na estação ferroviária Prefeito José Fernando Valente.

Para a construção do anexo, foi utilizado dois lotes (atualmente usadas para a prestação de serviços à comunidade) na lateral sudoeste (ver figura 34). Segundo a Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941, os donos dos lotes receberiam indenização da prefeitura perante a desapropriação dos mesmos.

A adição dos lotes desapropriados ao lote existente do Museu Histórico somariam 1100m² para a junção da edificação pré-existente com a proposta de um edifício anexo.

Intervenções no edifício pré-existente seriam realizadas segundo a portaria nº 420, de 22 de Dezembro de 2010, do IPHAN. A intervenção segundo o IPHAN se enquadra como uma Reforma/Demolição, onde pode apresentar reforma que implique em demolição ou construção de novos elementos, como ampliação ou supressão de área construída; modificação de volumes, vãos; aumento de gabarito; substituição significativa da estrutura e alteração na inclinação da cobertura.



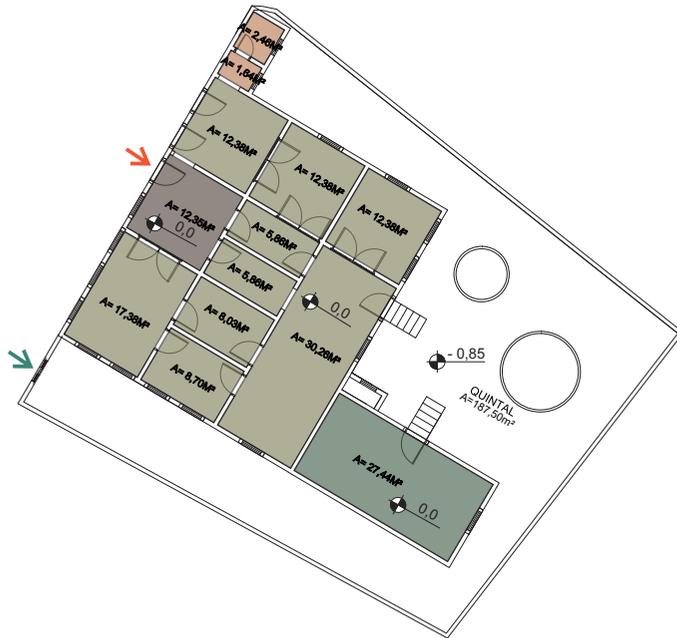
[f.34] Lotes pré-existência e anexo



- Lote MHA: 380m²
- Lote para expansão: 720m²

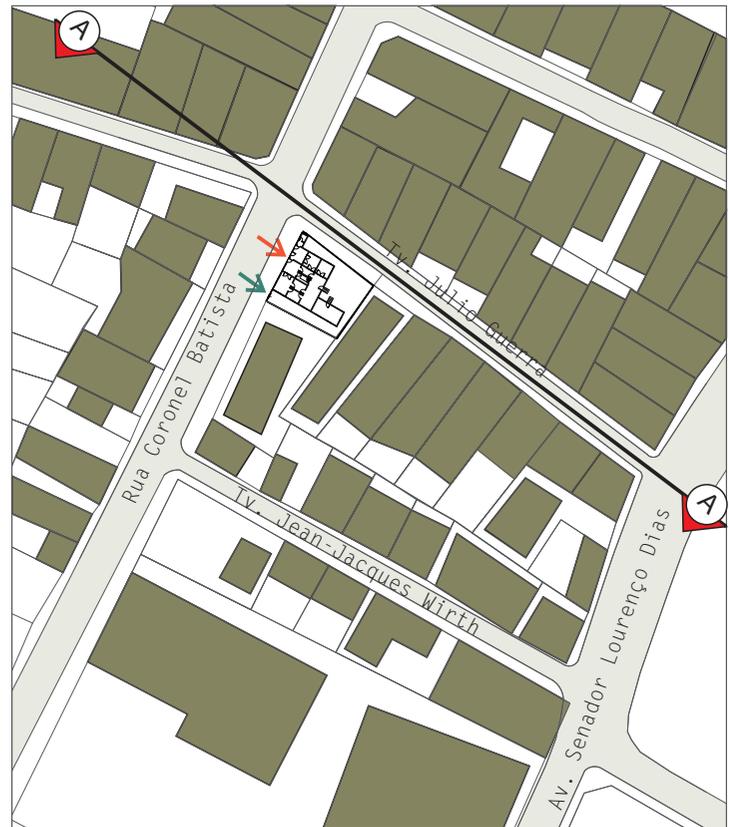
LEGENDAS:
[f.34] Lotes pré-existência e anexo.
Fonte: Gabriela Leão, 2016.

Pré-existência



- Salas de exposição
- Hall de entrada
- Depósito
- Banheiros
- Entrada principal
- Entrada de serviços

Planta atual pré-existência



Implantação atual pré-existência

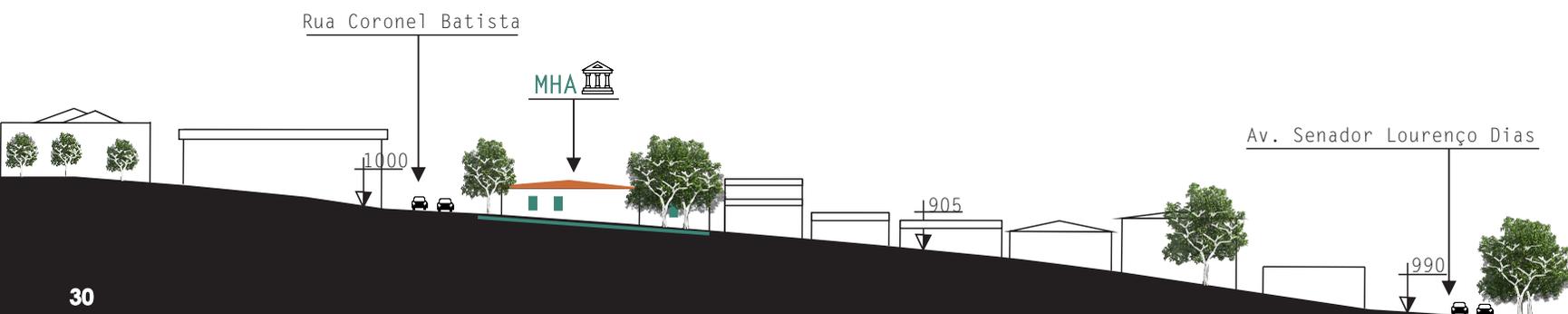
- Entrada principal
- Entrada de serviços



Terreno (corte)

O terreno do Museu Histórico possui um desnível de quase 2 metros no sentido Noroeste - Sudeste e encontra-se perto do córrego das Antas, um dos principais recursos hídricos que abastece o município.

Em uma análise completa, o Museu Histórico possui pouco decaimento de terreno considerando que o centro possui um desnível de solo acentuado (como é possível ver no corte abaixo).



Estado atual

Análise das fachadas

A fachada leste possui três portas, sendo que duas delas apresentam uma 'cerca' que impede a entrada na mesma. Desse modo, apenas uma porta serve como acesso para o Museu, que ocorre por meio de uma rampa que não está de acordo com as normas de acessibilidade. Esta mesma fachada possui uma entrada de serviço, localizada à direita.

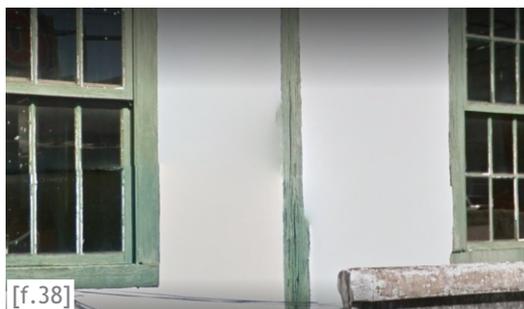
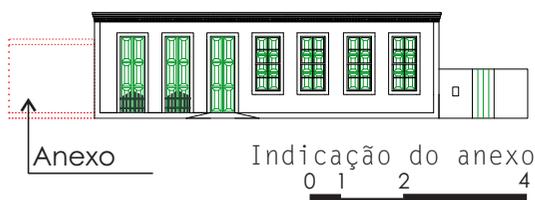
Todas as fachadas possuem janelas de abrir, que encontram-se conservadas. Segundo consta na legislação do Iphan, as fachadas seriam conservadas, e os ambientes internos seriam adaptados, aumentando suas áreas, e incluindo novos recintos segundo um novo programa de pré-existência e anexo.

Algumas patologias como umidade (ascendente e descendente) e pintura

descascada podem ser identificadas em quase todas as fachadas. Além disso, também existem telhas quebradas, soltura do reboco e deterioração da madeira.

Projeto original

O projeto original segundo Tiziano Chiarotti, atual diretor do museu, não existe mais. Mas por meio de antigas fotografias da época de sua criação é possível perceber que um anexo foi construído na sua lateral esquerda, que atualmente é usado como sanitário.



LEGENDAS:

[f.35] Soltura do reboco na fachada leste. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.36] Descascamento da pintura na fachada leste. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.37] Infiltração ascendente no anexo. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.38] Deterioração da madeira na fachada norte. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.39] Infiltração descendente na fachada norte. Fonte: Gabriela Leão, 2016.

[f.40] Infiltração descendente na fachada sul, principalmente no anexo. Fonte: Gabriela Leão, 2016.



[f.41]



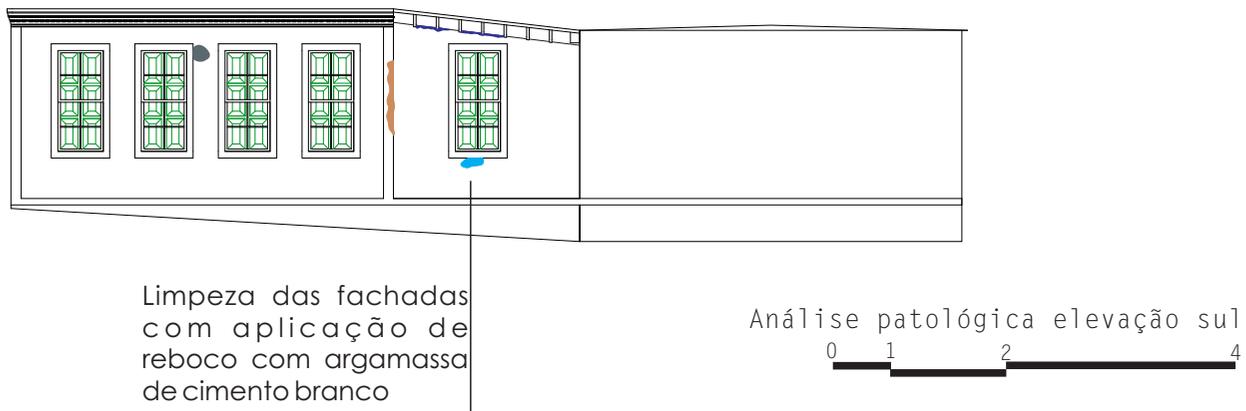
[f.42]



[f.43]



Anexo utilizado como sanitários



Limpeza das fachadas com aplicação de reboco com argamassa de cimento branco

- Umidade descendente
- Umidade ascendente
- Soltura do reboco
- Telhas quebradas
- Deterioração da madeira
- Pintura descascada



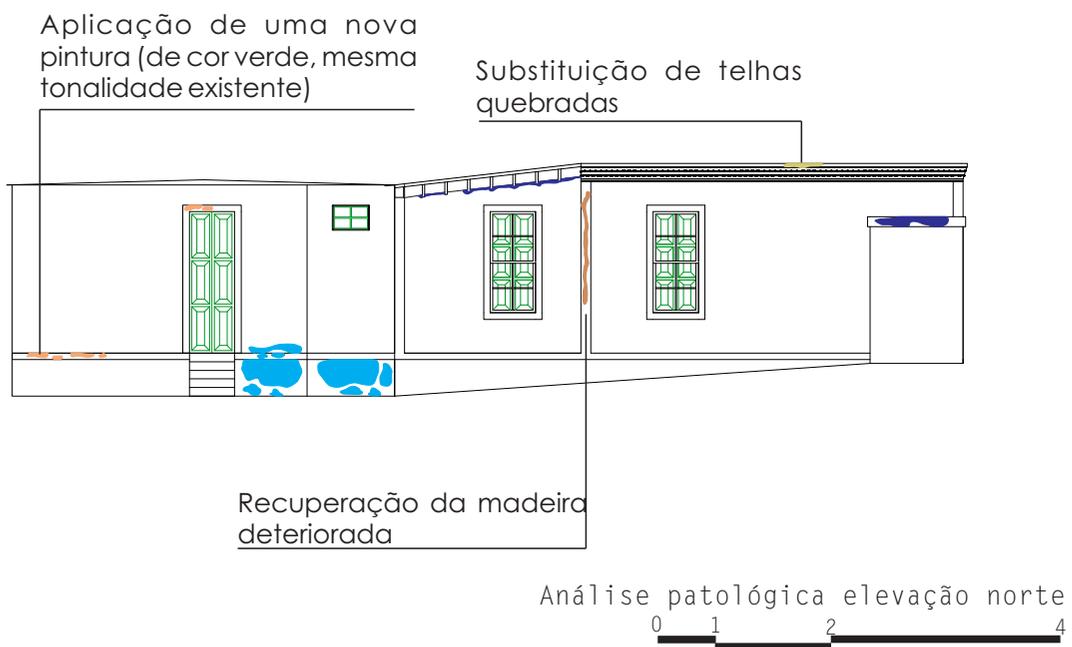
[f.44]



[f.45]



[f.46]



LEGENDAS:

[f.41] Situação atual da parte interna do Museu Histórico de Anápolis. Fonte: Thalita Magalhães, 2016.

[f.42] Situação atual do jardim do museu Histórico de Anápolis. Fonte: Thalita Magalhães, 2016.

[f.43] Situação atual da área de exposição do Museu Histórico de Anápolis. Fonte: Thalita Magalhães, 2016.

[f.44] Situação atual da área de exposição do Museu Histórico de Anápolis. Fonte: Thalita Magalhães, 2016.

[f.45] Situação atual do corredor de exposição do Museu Histórico de Anápolis. Fonte: Thalita Magalhães, 2016.

[f.46] Situação atual da exposição do Museu Histórico de Anápolis. Fonte: Thalita Magalhães, 2016.

An aerial photograph of a city grid with a semi-transparent dark overlay. A small icon of a classical building with columns is placed on one of the blocks. A vertical teal bar is on the left side.

Proposta de projeto

Museu à céu aberto



A proposta de deriva urbana no setor central do município de Anápolis, se dá a partir da técnica de reconhecimento da cidade como forma de promover a investigação e a pesquisa da mesma.

Sendo o centro a origem de Anápolis, parte das edificações são antigas e consequentemente históricas (com algumas edificações tombadas pelo próprio município).

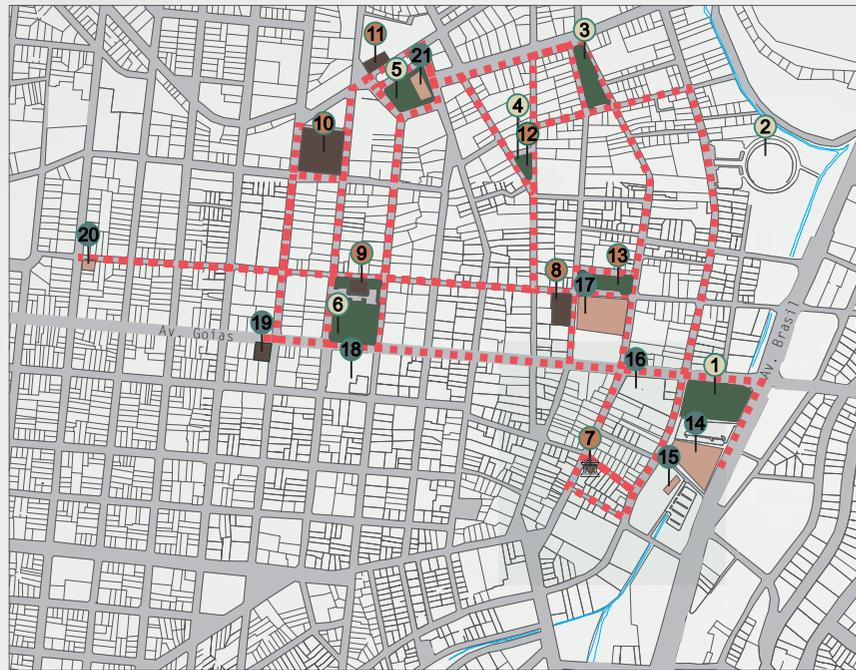
Um dos exemplos de implementação de deriva urbana a partir de centros históricos é Goiânia (Goiás), que implementou um mapa da deriva no setor central que contém informações geográficas que podem levar o participante às possibilidades de reconhecimento da cidade por meio da arquitetura, do monumento, do encontro e da gastronomia (Projeto Deriva Fotográfica do Bem).

Uma identificação visual (no caso de Goiânia o mapa da deriva), que oriente e revele o centro da cidade, a fim de potencializar o reconhecimento geográfico do centro histórico através de seu desenho e elementos textuais, são base para a implementação do mapa da deriva urbana de Anápolis.

A utilização de um mapa ajuda a explorar o meio urbano marcado por edificações de bases e a direção de possíveis percursos para o derivante. Mesmo que não haja familiaridade com o bairro a ser percorrido, a utilização de um mapa favorece a exploração do mesmo.

Dessa maneira a integração entre cidade e usuários se dá a partir da técnica da deriva que tem como objetivo o reconhecimento urbano da cidade.

Mapa deriva urbana centro de Anápolis



- | | | |
|-----------------------------------|-------------------|-------------------------|
| Edifícios Históricos Não Tombados | Córrego das Antas | Roteiro Cultural |
| Edifícios Históricos Tombados | Possível percurso | 0 10 20 40 |
| Praças | | |
-
- | | | |
|-----------------------------|-------------------------------------|----------------------------|
| Lazer | Monumento Histórico | Arquitetura |
| 1 Praça do Ancião | 7 Museu Histórico | 14 Prefeitura Municipal |
| 2 Ginásio Newton de Faria | 8 Colégio Antensina | 15 Fórum |
| 3 Praça das Mães | 9 Casa de Cultura Ulisses | 16 Colégio Faustino |
| 4 Praça James Fasntone | 10 Mercado Municipal | 17 Igreja Santana |
| 5 Praça Americano do Brasil | 11 Estação Ferroviária | 18 Igreja Bom Jesus |
| 6 Praça Bom Jesus | 12 Coreto Praça James Fanstone | 19 Escola de Artes Oswaldo |
| | 13 Praça Santana (início da cidade) | 20 Casa da Chave de Ouro |
| | | 21 Biblioteca Municipal |

[f.47]

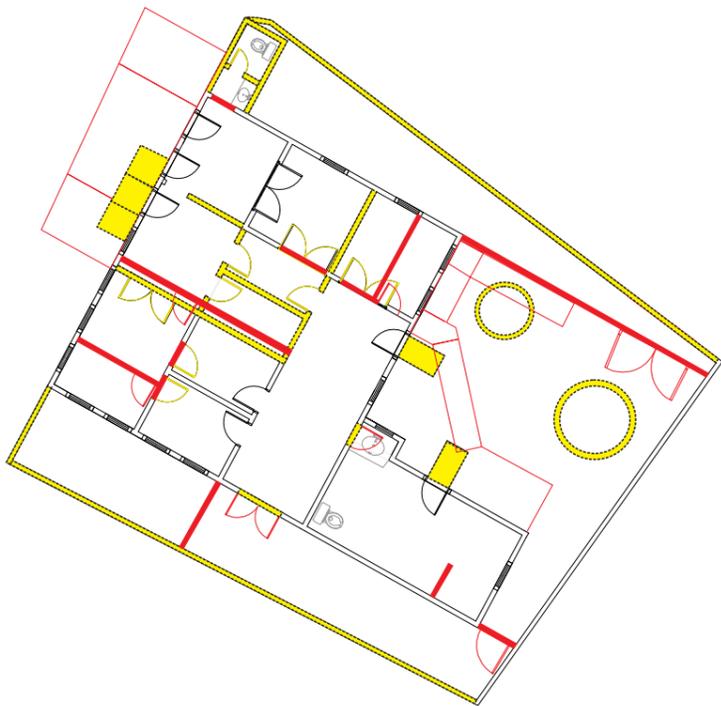
LEGENDAS:
[f.47] Proposta de placa com implantação do trecho turístico do mapa da deriva urbana de Anápolis. Fonte: Gabriela Leão, 2017.



Fachada do Museu com placa da deriva urbana

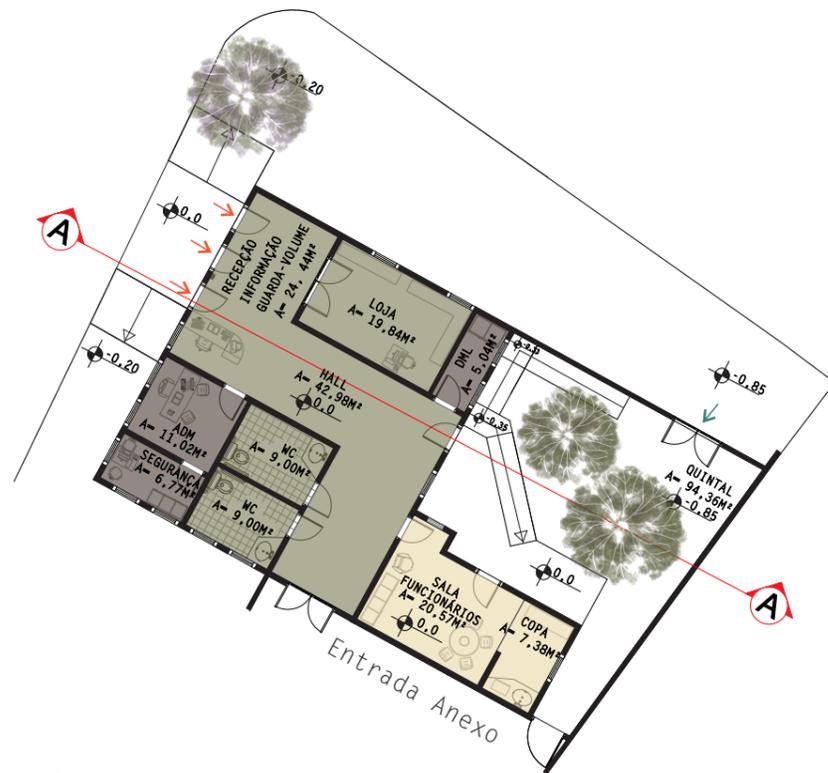


Intervenções Pré-existência



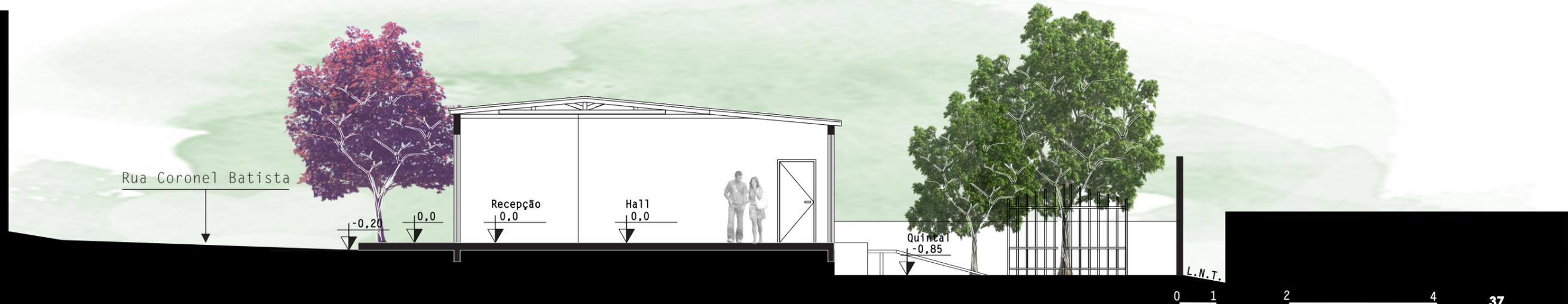
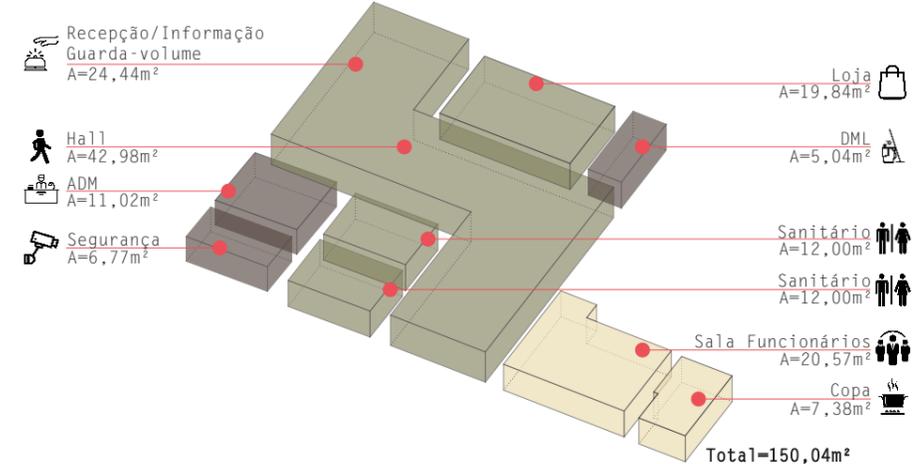
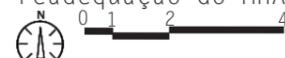
■ Construir
■ Demolir
■ Manter

Planta de readequação do MHA



■ Público
■ Privado
■ Serviços
■ Entrada principal
■ Entrada de serviços

Planta de readequação do MHA



Desenvolvimento do projeto

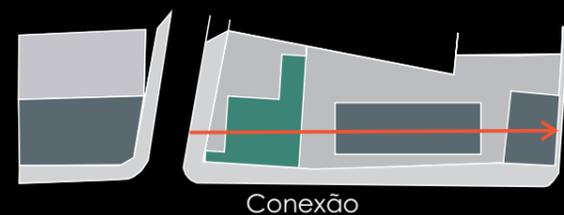


Narrativa - Circuito urbano cultural
Além do edifício (MHA)
Tecido urbano

O projeto, a partir do embasamento teórico, se configura em uma proposta que vai além do próprio edifício do museu histórico e seu anexo. Leva em conta a narrativa da cidade por meio de seu tecido urbano produzindo um



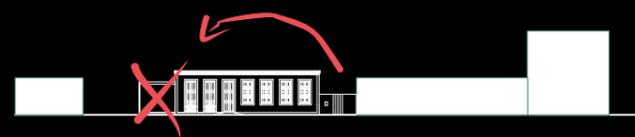
circuito urbano cultural por edificações que fazem parte da história da cidade. Desse modo, o circuito urbano cultural se configura a partir de uma identificação visual (placa) com o mapa da deriva urbana do setor histórico central.



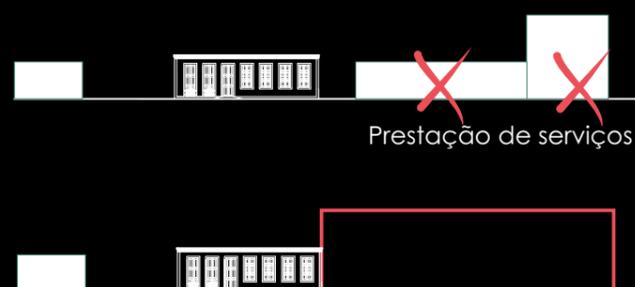
Conexão



Situação Atual



Prestação de serviços



Conexão

O início do projeto tem base no alinhamento do programa (auditório, café, laboratórios e exposições) à pré-existência como próprio acervo, utilizando-se dos lotes laterais.

Gabarito

O entorno imediato do museu histórico se caracteriza principalmente por edificações térreas e de 2 pavimentos. Desse modo é primordial não interferir na geometria urbana do entorno.

Anexo

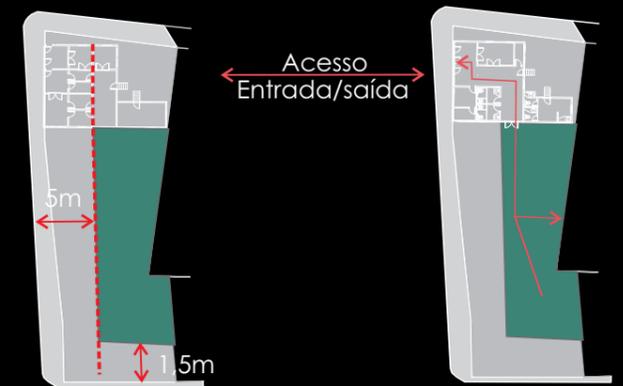
Com a demolição do anexo lateral existente que não fazia parte do projeto original e a mudança da entrada de serviços da fachada frontal para a lateral, vê-se a necessidade da criação de um edifício complementar que sirva de apoio ao novo programa proposto. Além dessas mudanças é possível perceber que a implementação de um museu histórico dentro de uma única edificação (nesse caso uma residência), não previa um aumento da quantidade de acervo e de visitantes. Ocupar o terreno ao lado com atual uso de prestação de serviços é a opção para o projeto de anexo com intervenção na pré-existência.

Geometria

Os afastamento necessários de acordo com o uso do solo, configuram uma parte importante do projeto, já que este marca a forma do edifício. Além disso, parte da configuração da pré-existência é adotada no projeto.

Acesso

O acesso ocorre do edifício 'velho' para o 'novo'. O caminho a ser percorrido é através do Museu para o anexo, para então assim sair pelo Museu novamente.



Acesso do 'velho' para o 'novo'

2 pavimentos

Com a proposta de um novo programa, o projeto foi erguido em 2 pavimentos que contribuem para a adição de novos ambientes e proporciona o rumo de duas principais diretrizes do projeto: pré-existência como acervo e café voltado para a narrativa da cidade.

Pré-existência como exposição

O projeto busca a pré-existência como parte da própria exposição, desse modo o anexo se configura de modo a enaltecer o museu como parte do acervo.

Café voltado para a narrativa da cidade

Café e auditório marcados no volume

Com o desnível ocorrendo ao fundo do lote, o café é voltado para a narrativa da cidade. O volume deste e do auditório são marcados no projeto.

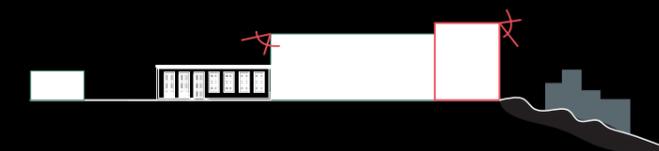
Altura proposta



Projeto



Museu como exposição

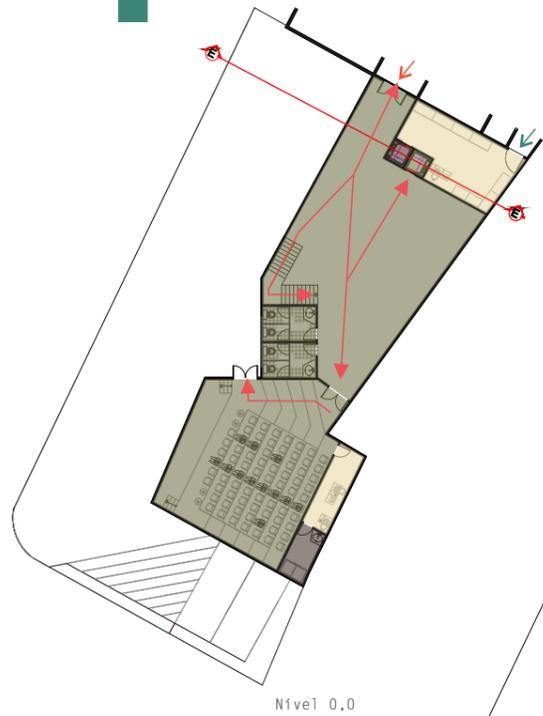


Visualização da Pré-existência

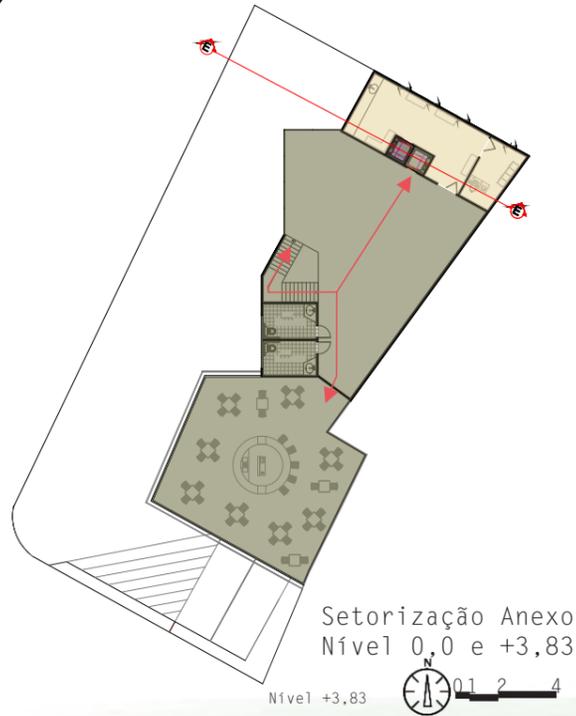
Café e auditório marcados no volume

Café voltado para a narrativa da cidade

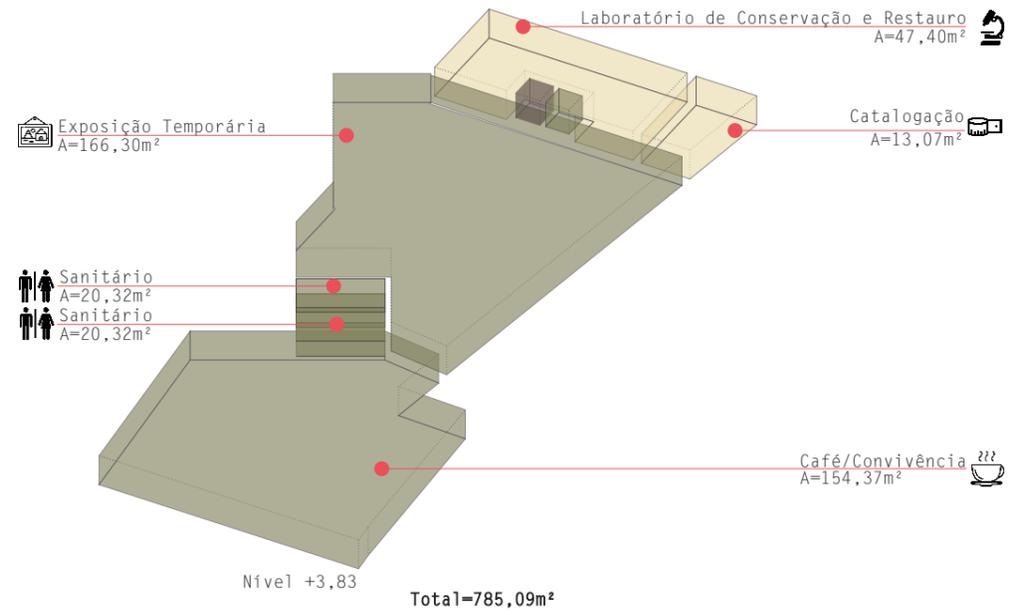
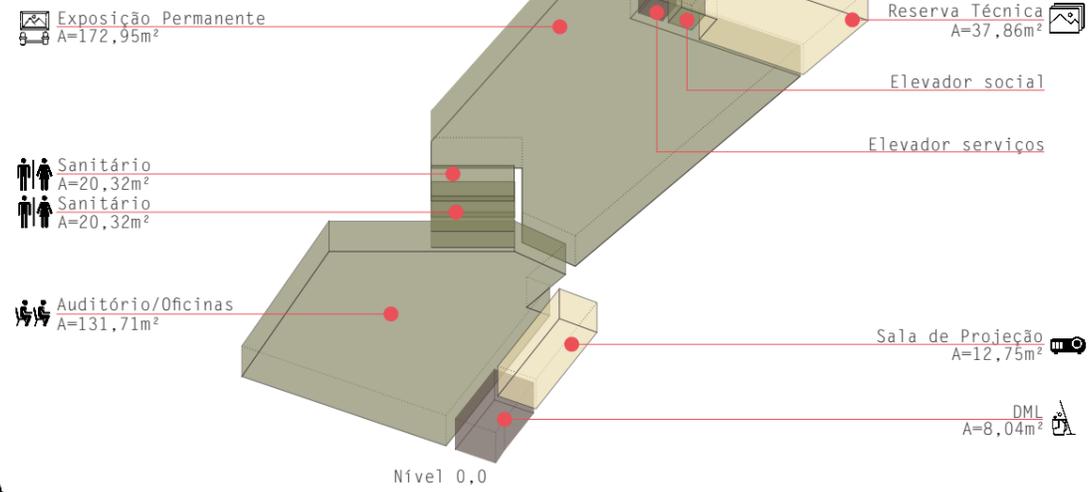
Programa anexo

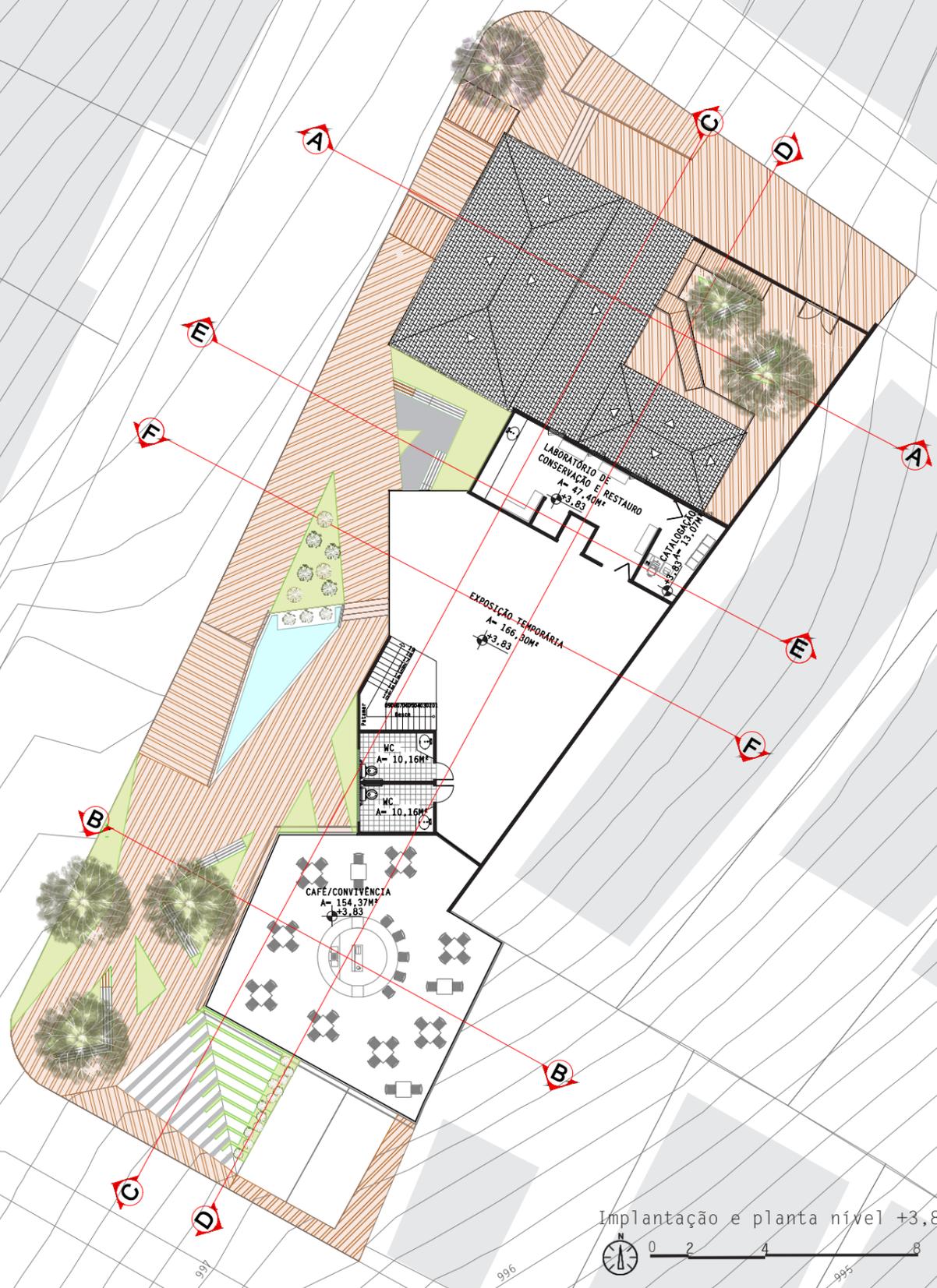


- Público
- Privado
- Serviços
- Entrada principal
- Entrada de serviços

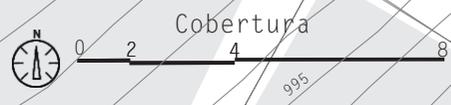


Setorização Anexo
Nível 0,0 e +3,83









O projeto ocorre basicamente em 4 níveis principais: 0,0 (museu), -0,20 (calçada do museu), -0,85 (quintal do museu) e +3,83 (2º andar do anexo). Desse maneira, o anexo foi implantado de modo a trabalhar nos níveis já existente no terreno.

A reestruturação do edifício pré-existente configurou a mudança na sua planta original. Assim, foi destinado para seus novos ambientes um programa que abriga em sua maioria serviços de administração. Outro ponto de relevância foi adaptar parte dos ambientes com o objetivo de suportar o fluxo de visitantes, que entram pela 'velha' edificação em direção ao 'novo' anexo.

O anexo, em seu primeiro pavimento, abriga a exposição permanente (o acervo que antes estava no museu), o auditório com capacidade para 70 pessoas, e uma sala com acesso privado para a reserva técnica. Por possuir áreas públicas e privadas, esse espaço contém um elevador social e um elevador exclusivo para serviços.

O segundo pavimento do anexo abriga as exposições temporárias, uma

cafeteria com ampla área de convivência (aberta para a contemplação do tecido urbano) e salas de uso mais restrito, como laboratório de conservação e restauro e uma sala de catalogação do acervo.

O anexo e o Museu pré-existente possui um total de 6 banheiros, sendo 4 deles acessíveis a portadores de necessidades. Assim, para suportar a demanda do novo anexo, é projetado uma laje técnica em cima do café para abrigar as condensadoras e a caixa d'água (9000L).

Com o projeto de uma cafeteria aberta, com vista para a cidade, é utilizado um brise que protege toda a sua área da forte insolação (fachada oeste).

O acesso de veículos localiza-se na parte mais baixa do terreno (região sul). Já o acesso dos funcionários localiza-se na região norte. Para os visitantes o acesso ocorre por três portas na fachada oeste.

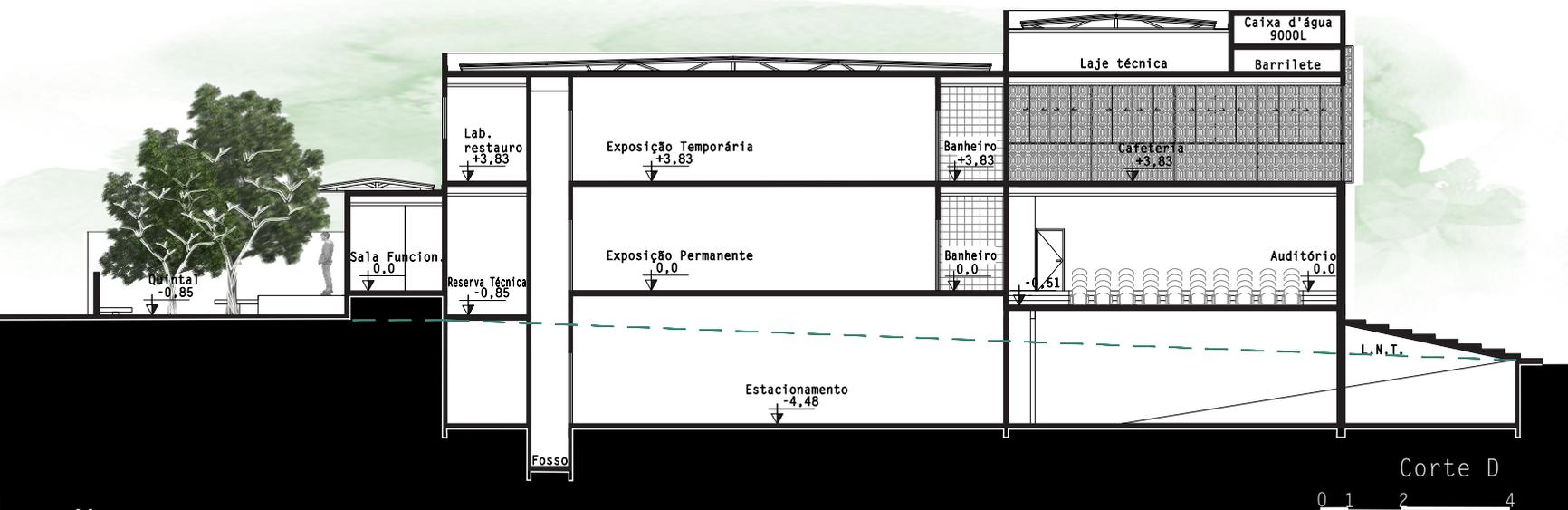
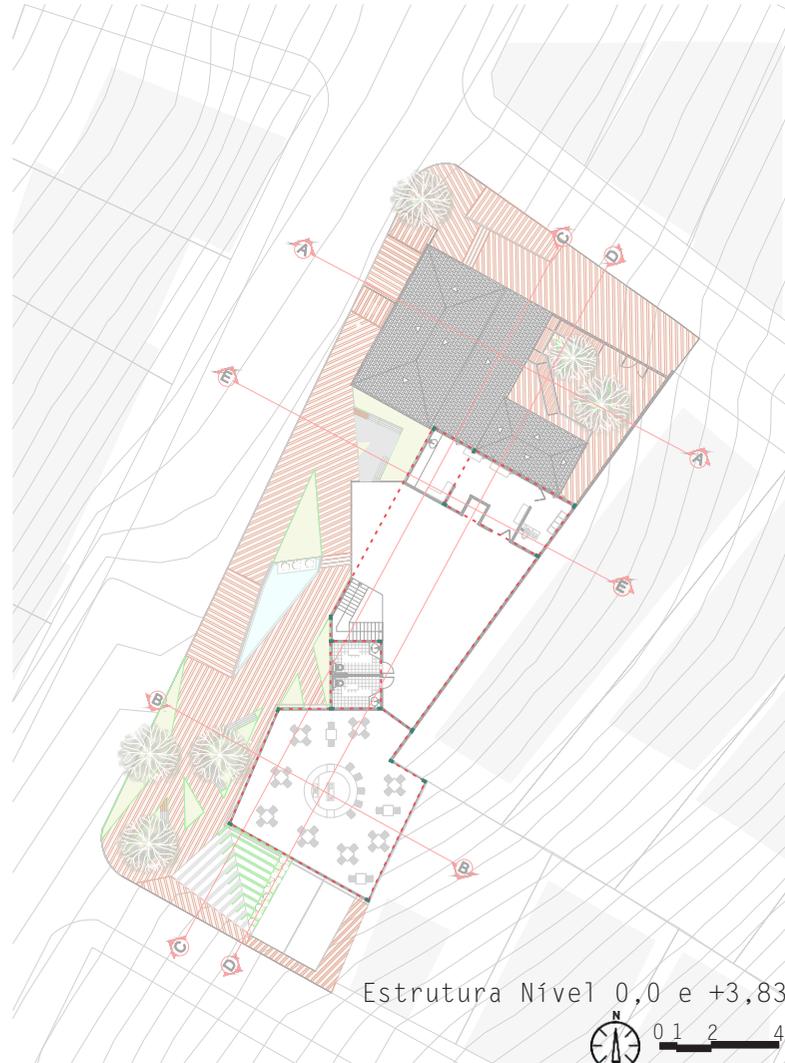
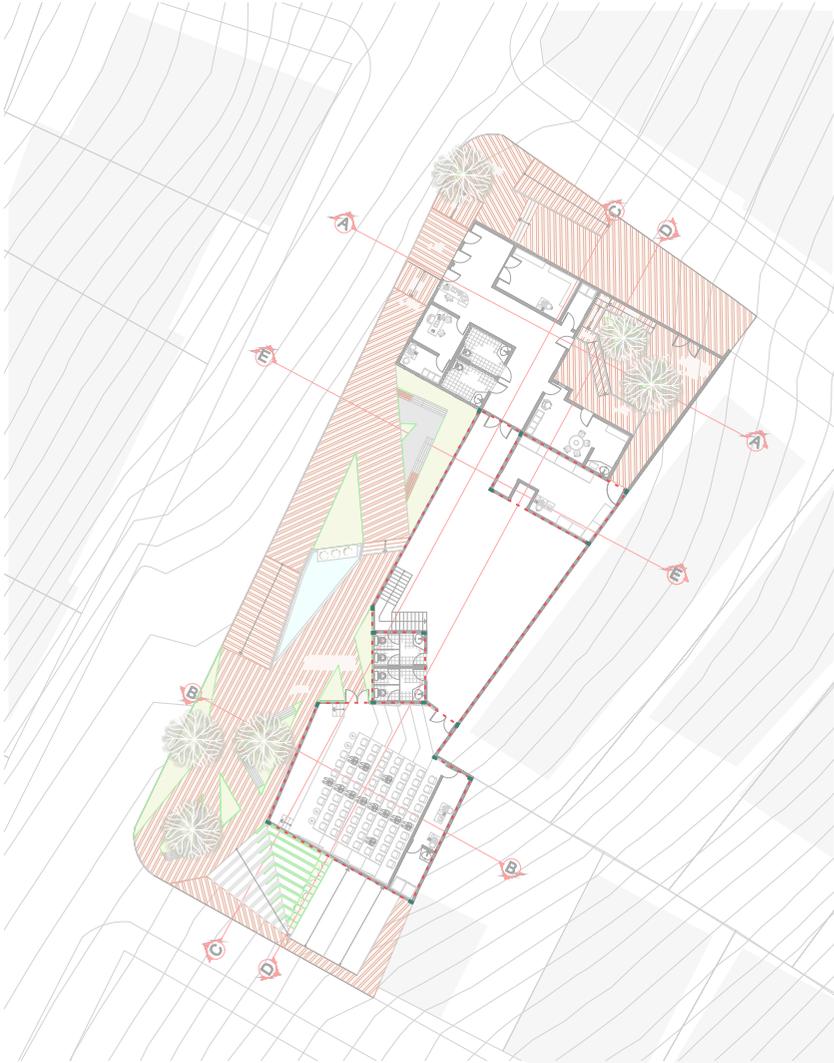
A cobertura do MHA é erguida por telha portuguesa aparente com 30% de inclinação, enquanto a cobertura do anexo possui telha termoacústica com 10% de inclinação (escondida pela platibanda).



[f.48]

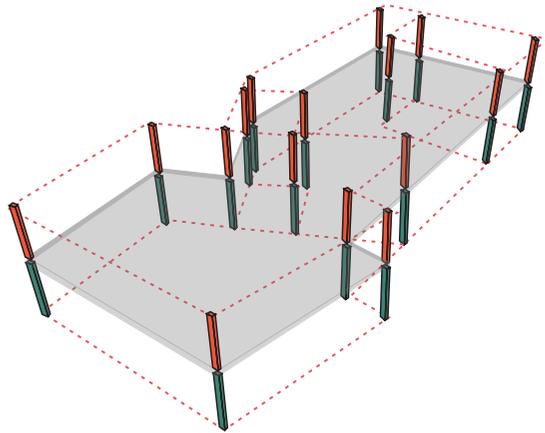
LEGENDAS:
[f.48] Maquete do terreno (indicação de níveis). Fonte: Gabriela Leão, 2017.

Estrutura

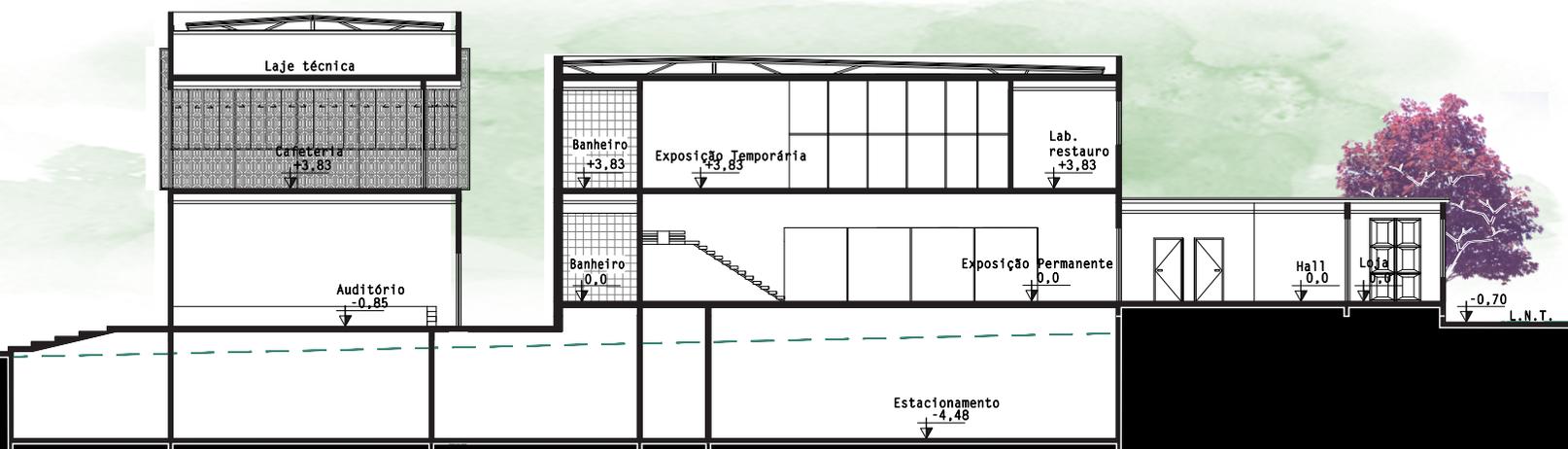


O estacionamento se localiza no subsolo do terreno, possui um total de 30 vagas ocupando quase 78% da área total (1100m²). O acesso de veículos ocorre por uma rampa de 25% de inclinação na parte sul to terreno. Para o acesso de pedestres nesse ambiente são destinados 2 elevadores, 1 de serviços e outro social.

Com relação a estrutura, é utilizada laje protendida para vencer grandes vãos e pilares de concreto.



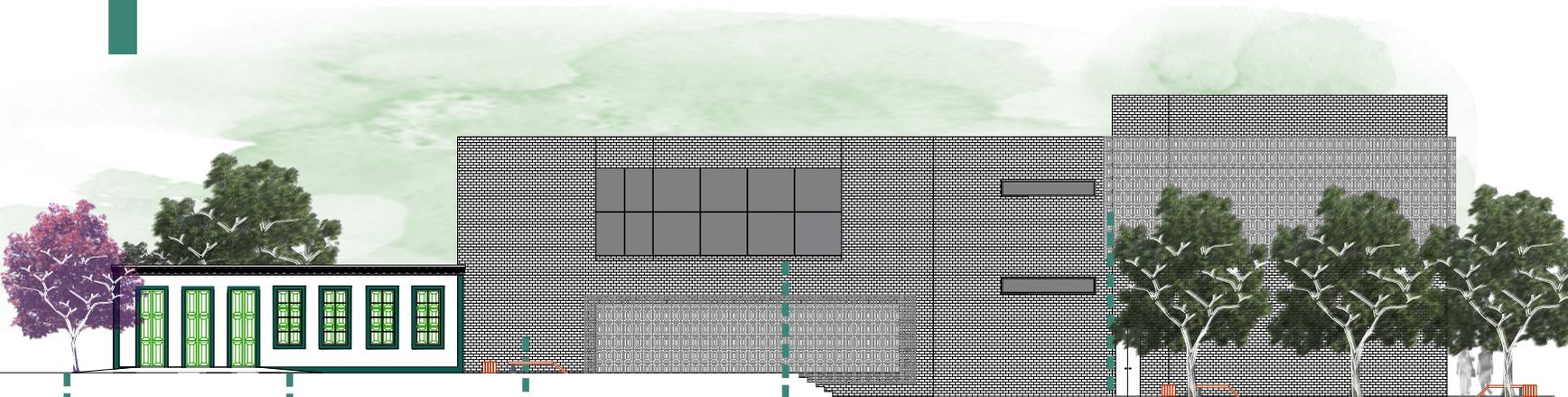
- Pilares Nível +3,83
- Pilares Nível 0,0



Corte C



Materialidade e tecnologia



Árvore Folha de serra (Médio Porte)



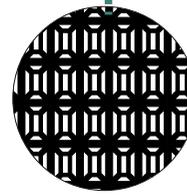
Piso cimentício permeável Imitação de madeira



Tijolo cerâmico Revestido de pintura branca fosca acrílica



Vidro Duplo Low-E Fumê

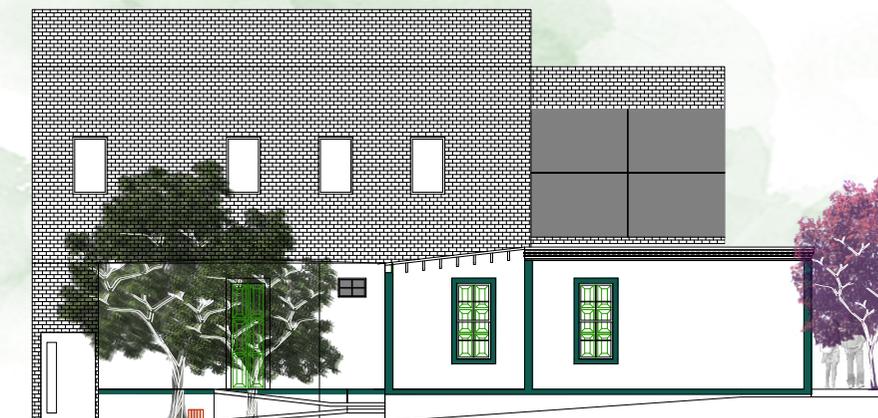


Brise de Chapa metálica Pré-fabricado (releitura da janela do MHA)



Árvore Barú (Médio Porte)

Fachada Oeste
0 1 2 4



Fachada Norte
0 1 2 4



Fachada Sul
0 1 2 4



Detalhamento

Brise de chapa metálica de alumínio

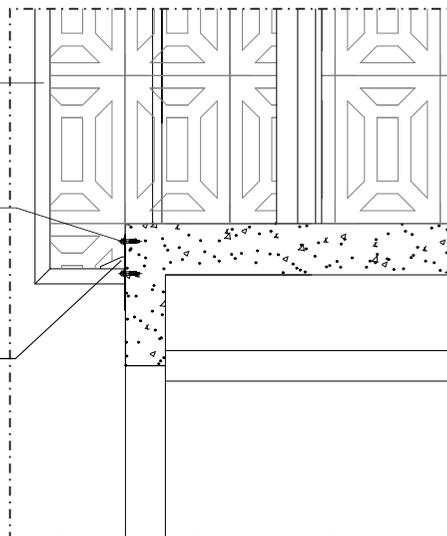
Tamanho: 0,4x0,4x0,05cm
Cor: preto fosco

Parafuso sextavado Fenda: Phillips anticorrosivo

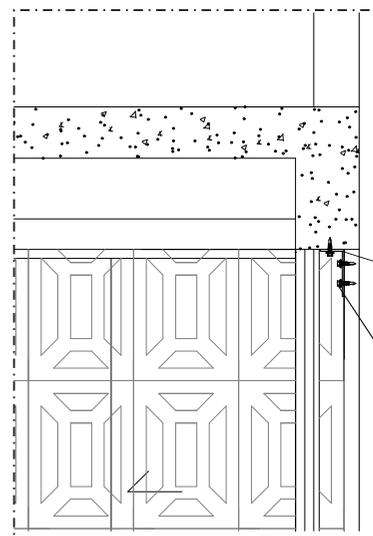
Tamanho: 33mm Cor: Cinza (esmalte sintético)

Estrutura metálica de aço pré-moldado anticorrosivo

Tamanho: 0,15x0,15cm Cor: Cinza (esmalte sintético)



Zoom 1



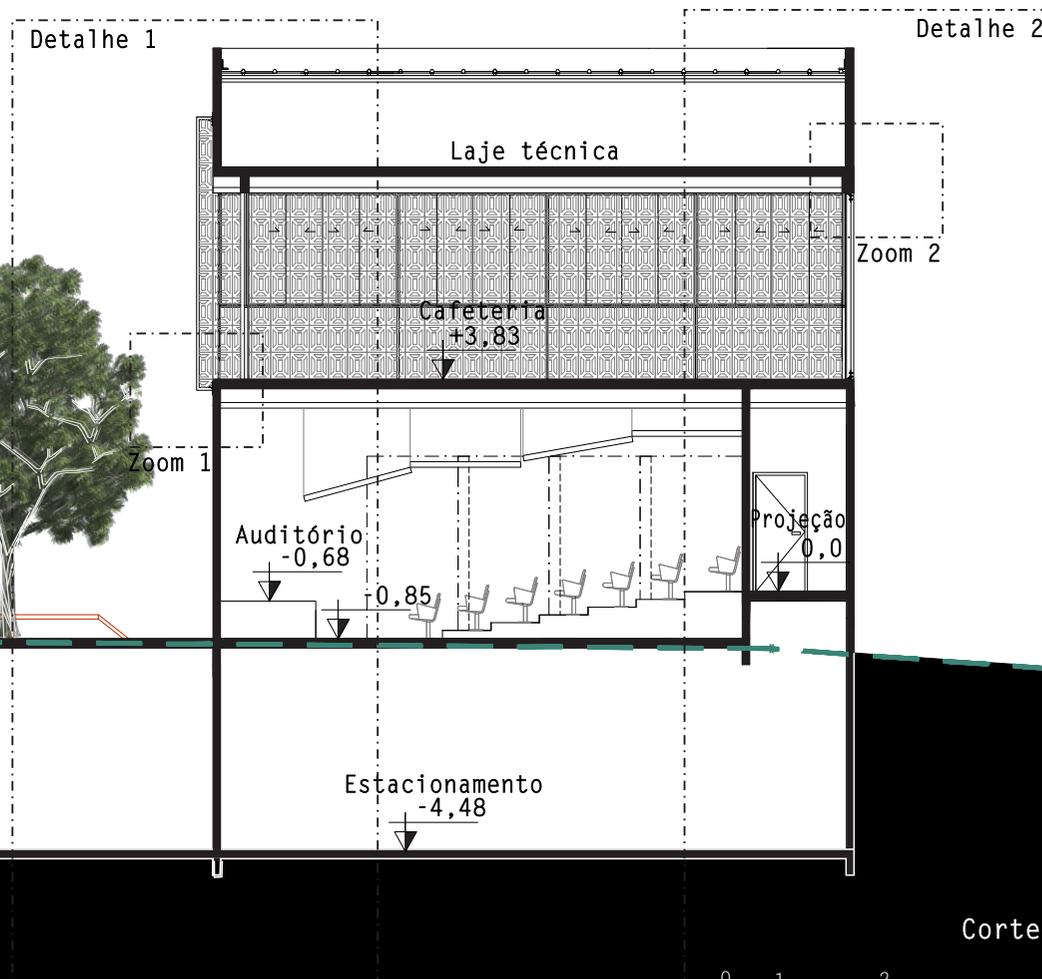
Zoom 2

Estrutura metálica de aço pré-moldado anticorrosivo

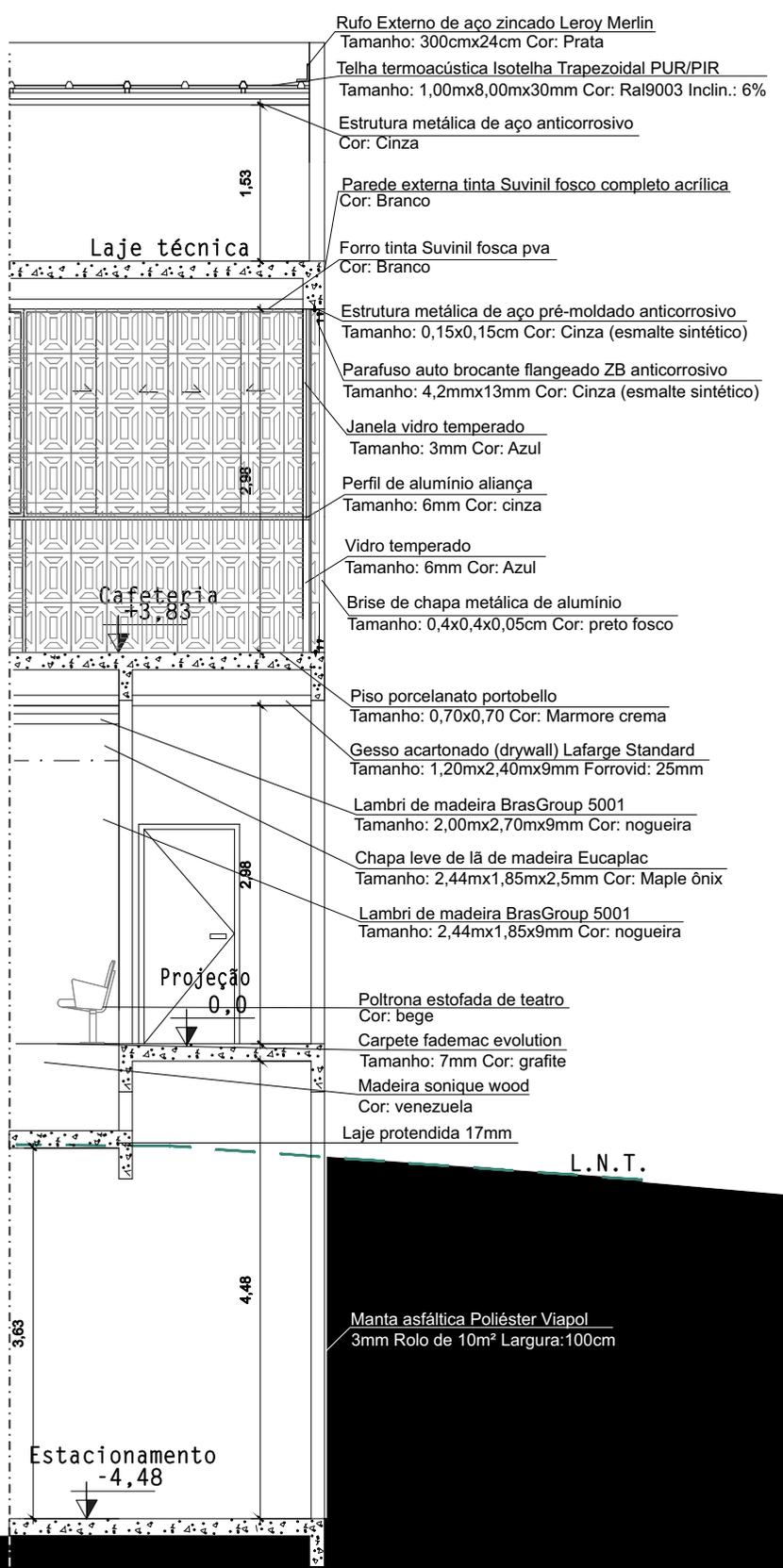
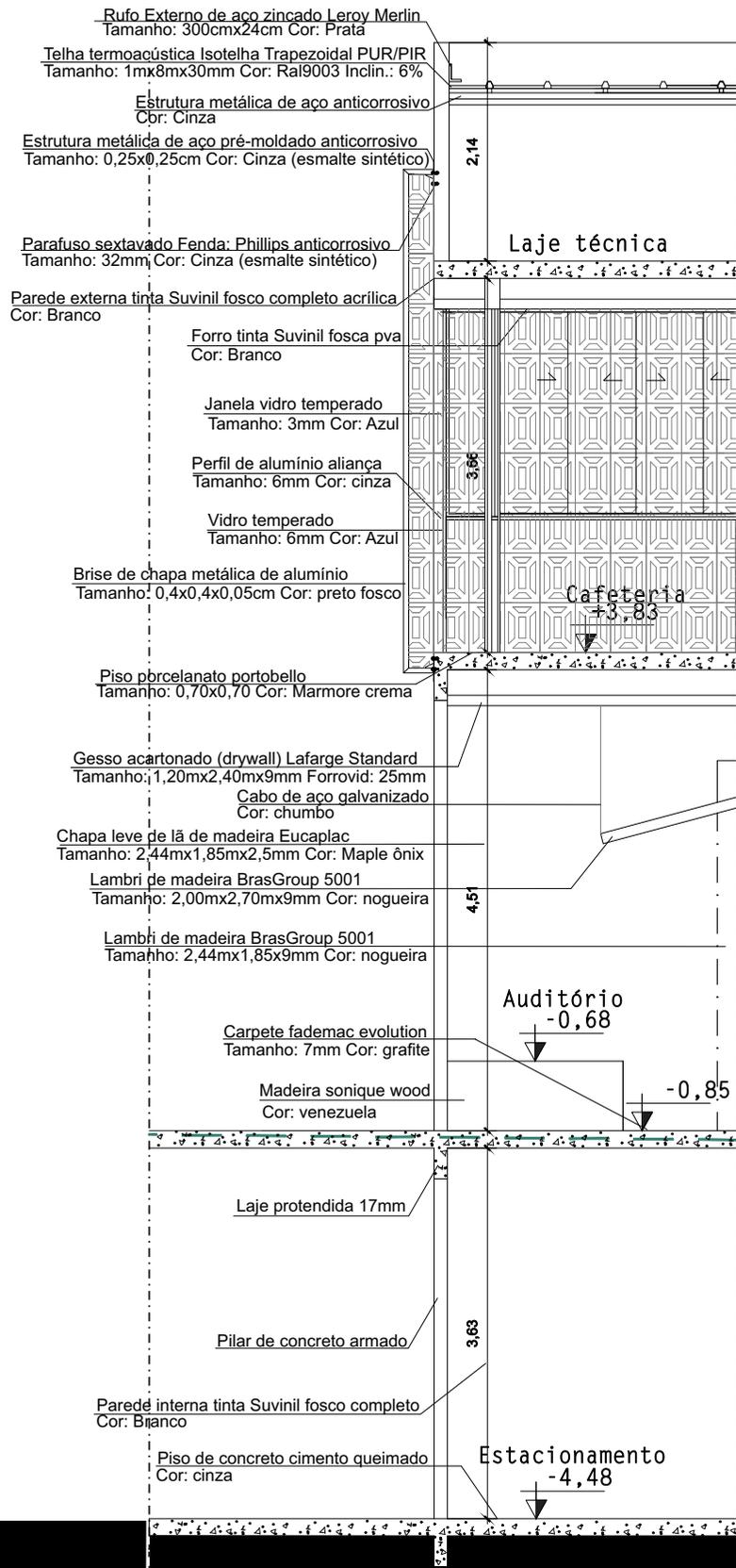
Tamanho: 0,15x0,15cm Cor: Cinza (esmalte sintético)

Parafuso auto brocante flangeado ZB anticorrosivo

Tamanho: 4,2mmx13mm Cor: Cinza (esmalte sintético)



Corte B

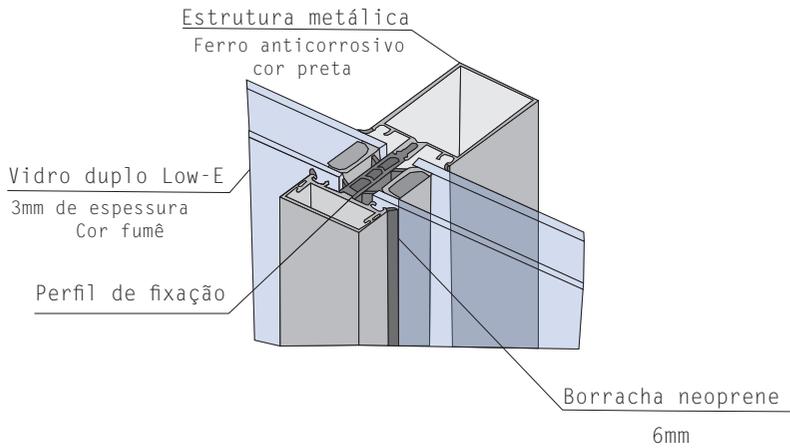


L.N.T.

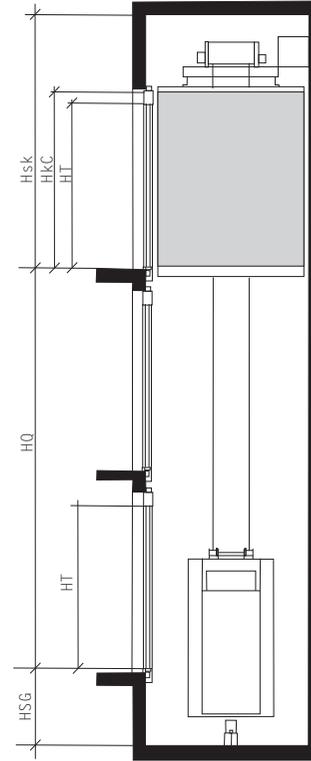
Corte B - detalhamento 1 e 2



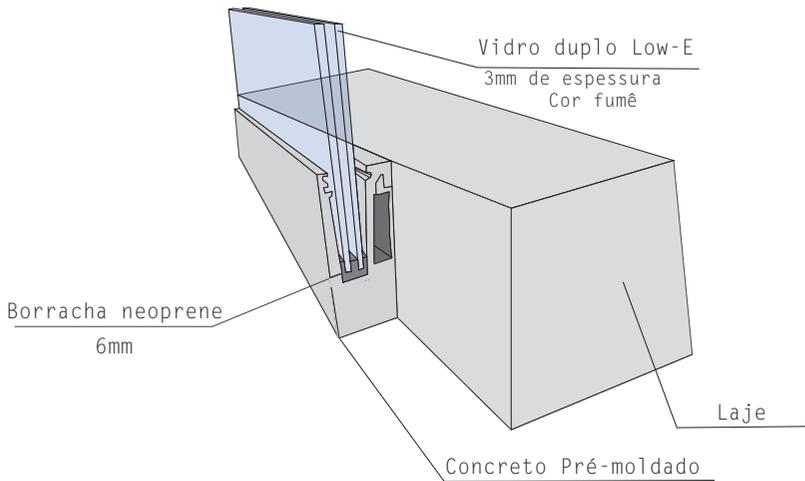
Esquema da estrutura do vidro



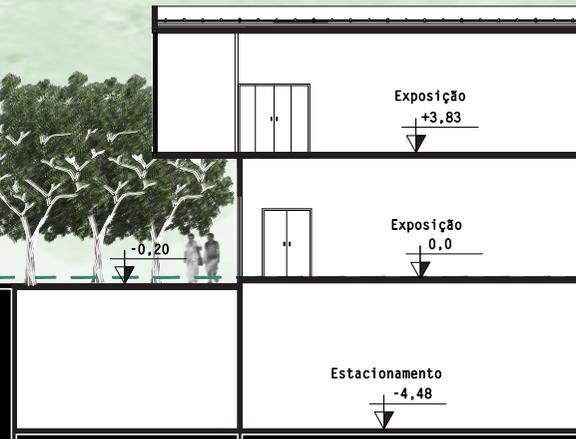
Elevador Schindler 5500 MRL (sem casa de máquinas) contrapeso lateral
 Capacidade: 600 - 2.500 kg / 8 a 33 passageiros
 Percurso: até 150m
 Velocidade: até 3.0 m/s



Esquema da estrutura do vidro 2



HSK - Altura da última parada
 HKC - Altura livre da cabine
 HQ - Percurso
 HT - Altura da porta
 HSG - Profundidade do poço

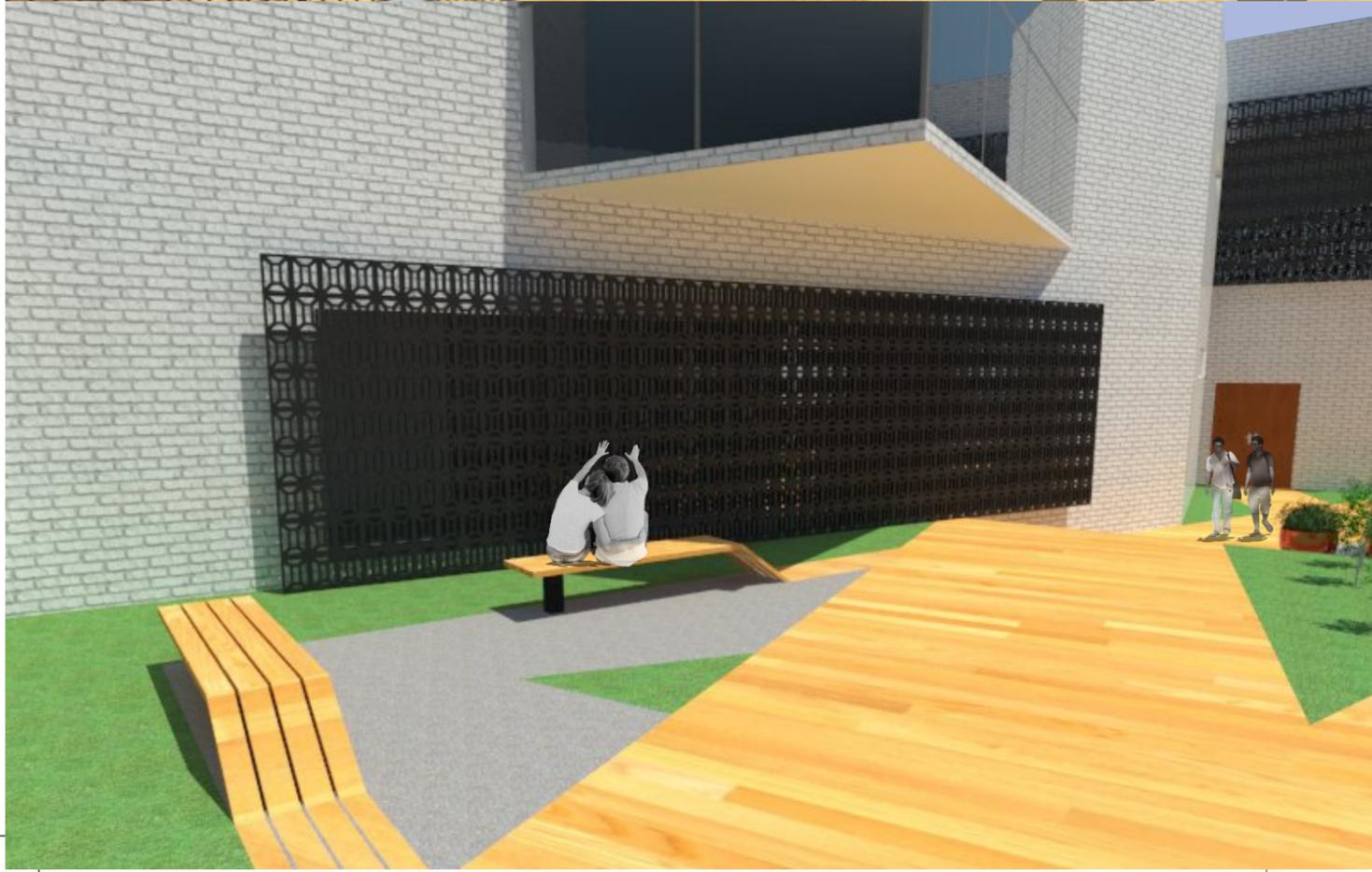


Corte F

0 1 2 4

Paisagismo







Referências

- <http://www.jornalcontexto.net/teatro-municipal-o-palco-de-uma-conquista>
<http://www.jornalcontexto.net/patrimoni-o-historico-de-anapolis-sobrevive-ao-tempo>
http://www.jornalcontexto.net/admin/images/22178300_1296815842.pdf
http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf
CHAGAS, M. A. Preexistência, patrimônio e projeto. Salvador: FAUFBA, 2007. [online]. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11749/1/Tese%20Maur%c3%adcio%20de%20Almeida%20Chagas.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.
CHAGAS, M. A.; ABREU, R. (Org.). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. [online]. Disponível em: <http://server2.docfoc.com/uploads/Z2015/11/16/BUYauHLQG6/2d0fd9b847eefc6b8f744d499e593784.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2016.
CHIAROTTI, Tiziano Mamede et al. Museu histórico: breve contextualização e função social. **Caderno de Pesquisas** – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Anápolis, nº 1, 2009.
CHIAROTTI, Miriam Vanessa de Moraes et al. Museu histórico: breve contextualização e função social. **Caderno de Pesquisas** – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Anápolis, nº 2, 2010.
CHIAROTTI, Tiziano Mamede et al. Museu histórico: breve contextualização e função social. **Caderno de Pesquisas** – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Anápolis, nº 3, 2011.
CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 1, 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: PUCRS, 2015. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/031_A.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016
DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 240p.
DEBORD, Guy. Teoria da deriva. *Internacional Situacionista*. França, n. 2, dez. 1958
FRANÇA, L. Módulo II – Função Social do Museu. In: CURSO DE MUSEOLOGIA SOCIAL – CONCEITOS, TÉCNICAS E PRÁTICAS. Campo Grande: Portal Educação e Sites Associados, 2009.
JACQUES, P. B. Experiência errática. *Redobra*, Salvador, n. 9., p. 192-204, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/laboratoriourbano/docs/revista_redobra_num9_ano3_2012>. Acesso em: 14 out. 2016
JACQUES, P. B. (Org.). Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. **R.B. Estudos urbanos e regionais**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p.88-90, maio. 2003.
JACQUES, P. B. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. **Net**, Porto Alegre, 2005. Seção Artextos. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.
JACQUES, P. B. (Org.). Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAU-FBA, 2006, p. 117-139. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wpcontent/uploads/arquivos/arquivo-12.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017
JUNIOR, N. V. A.. O futuro do passado: Arquitetura contemporânea e patrimônio edificado na América do Sul. In: PROJETER, O PROJETO COMO INSTRUMENTO DE MATERIALIZAÇÃO DA ARQUITETURA: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA, 6., 2013, Salvador. **Evento Científico...** Salvador: FAUFBA, 2013. Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/1775/1/CE17.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016
JUNIOR, O. A. W. Narrativas urbanas literárias como apreensão e produção da cidade contemporânea: Uma leitura do guia de ruas e mistérios da bahia de todos os santos. *Redobra*, Salvador, n.14., p.183-199, 2014. Disponível em:

<https://issuu.com/laboratoriourbano/docs/redobra_14_web>. Acesso em: 14 out. 2016.

MASSAGLI, S. R. Homem da Multidão e o Flâneur no conto 'o Homem da multidão' de Edgar Allan Poe. **Terra Roxa e outras terras**, Londrina, volume 12, jun. 2008.

Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf>. Acesso em: 8 out. 2016

PEIXOTO, F. A. Derivas urbanas, memória e composição literária. Salvador, n. 13., p.29-34, 2014. Disponível em: <https://issuu.com/laboratoriourbano/docs/redobra_13_web>. Acesso em: 14 out. 2016.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. **Cadernos IPPUR**. v. 15, n. 1, Ano XVI, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ippur/issue/download/281/91#page=32>>. Acesso em: 10 set. 2017

RIBEIRO, A. C. T. e SILVA, C. A. (Coords.) Projeto: Territórios da juventude: experiências em cartografia da ação (São Gonçalo, RJ). FAPERJ, Edital humanidades. 2009. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Nuevastechnologias/Cartografiatematica/02.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017

RIBEIRO, A. C. T.; SILVA, C. A.; PERUCCI, L.; SCHIPPER, I.; CARVALHO, V. Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro: compreendendo contextos, abordagens, conceitos e proposta metodológica da Cartografia da Ação Social. Redobra, Salvador, n. 9., p. 22-29, 2012. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/2012/04/redobra9_Pensamento-vivo-de-Ana-Clara-Torres-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017

ROCHA, A. L. Ca.; ECKERT, C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. Iluminuras, Porto Alegre, volume 4, n.7, 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ilu>

minuras/article/view/9160/5258>. Acesso em: 12 out. 2016

SILVA, C. A.; SCHIPPER, I. Cartografia da ação social: reflexão e criatividade no contato da escola e a cidade. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 08, n. 1, pags. 25-39, jan/jun. 2012

SILVA, E. D. O direito urbanístico brasileiro e sua aplicabilidade na preservação de centros urbanos. Salvador: FAUFBA, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12284/1/tese_final.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016

TESTER, Keith. **The Flâneur**. Londres: Routledge, 1994.